

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA (CEFT)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**O IMPACTO DA REFORMA PROTESTANTE NA DISSEMINAÇÃO
DO LIVRO IMPRESSO**

Eliezer Lírio dos Santos

São Paulo
2012

ELIEZER LÍRIO DOS SANTOS

**O IMPACTO DA REFORMA PROTESTANTE NA DISSEMINAÇÃO
DO LIVRO IMPRESSO**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie em cumprimento às exigências do para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa

São Paulo
2012

ELIEZER LÍRIO DOS SANTOS

**O IMPACTO DA REFORMA PROTESTANTE NA DISSEMINAÇÃO
DO LIVRO IMPRESSO**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre

Aprovada em 26/10/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa (Orientador)
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Wilson Santana Silva
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. José Normando Gonçalves Meira
Universidade Estadual de Montes Claros

A minha querida mãe Marta que aos 91 anos ainda continua me ensinando.

A minha esposa Nayde pelo apoio e companheirismo.

As minhas filhas Carolina, Jaqueline e Cintia joias preciosas que Deus me deu.

Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém.

Epístola de Paulo aos Romanos 11:36

AGRADECIMENTOS

A Universidade Presbiteriana Mackenzie, pela bolsa concedida dando-me oportunidade de estudar em instituição herdeira da Reforma.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa pela privilegio de usufruir um pouco da sua sabedoria.

Aos professores Dra. Ester Fraga e Prof. Dr. Gerson Leite de Moraes pelas observações e pertinentes sugestões feitas na qualificação.

Aos professores Dr. Wilson Santana Silva e Dr. José Normando Gonçalves Meira pelas preciosas observações e sugestões feitas na banca.

A todos, minha sincera gratidão.

RESUMO

SANTOS, Eliezer Lírio dos. O impacto da Reforma Protestante na disseminação do livro impresso. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

A imprensa de tipos móveis, difundida por Gutenberg, contribuiu decisivamente para produção de livros em grande escala, influenciada principalmente pelo novo suporte de impressão, o papel. Desta união, surge o livro impresso, que a partir deste momento é produzido em grandes quantidades em um curto espaço de tempo, em relação ao livro manuscrito. É neste cenário que a Reforma Protestante tem efetivamente seu início. A pesquisa aborda como os dois maiores expoentes da Reforma Protestante, Lutero e Calvino, se beneficiaram desta nova tecnologia e suporte, e ao mesmo tempo demonstra que, ao se utilizarem esta tecnologia, acabaram contribuindo para a disseminação e aceitação da imprensa e seu produto principal, o livro impresso.

Palavras-chave: História do livro, Reforma Protestante, Tipografia, Educação

ABSTRACT

The impact of the Protestant Reformation in the dissemination of the printed book. Dissertation in Religious Sciences presented to the Graduate Program in Religious Sciences, Mackenzie Presbyterian University, São Paulo, 2012.

The research proposes to assess the impact and consequences that changing the handwriting to printed was in the sixteenth century, especially in the Protestant Reformation, and how this contributed to the spread of the printed book. Printing with movable type, Gutenberg spread, greatly influenced the printing of books. One of the factors that contributed to the success of this new technology was new support for printing, paper. This new book is now on paper, is printed in unimaginable quantities and in a short time, from the book manuscript on parchment. Against this backdrop, the Protestant Reformation effectively has its beginning. The reformers, as anyone used to this new service and support to spread their ideas. This research proposes to study this issue related to the impact it had on the cultural and religious life of the sixteenth century.

Keywords: History of the book, Reformation, Typography, Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - O LIVRO MANUSCRITO E O IMPRESSO NO CONTEXTO DO SÉCULO XVI	19
CAPÍTULO 2 - A REFORMA, A EDUCAÇÃO E A IMPRENSA TIPOGRAFIA	33
CAPÍTULO 3 - OS REFORMADORES E A IMPRENSA TIPOGRÁFICA	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A impressão de tipos móveis, difundida por Gutenberg, influenciou decisivamente na produção de livros. Um dos fatores que mais contribuiu para o sucesso desta nova tecnologia foi o novo suporte de impressão, o papel. Antes desta tecnologia e suporte, o processo de confecção de um livro era manual, oneroso e demorado, devido principalmente a preparação do suporte que perdurou durante quase toda a Idade Média, o pergaminho, e também aos diversos estágios que era submetido a confecção de um livro manual. Com o advento do novo suporte e processo de impressão, o livro passou a ser impresso em quantidades inimagináveis e em um curto espaço de tempo, em relação ao livro manuscrito.

Não obstante a Reforma Protestante ter suas origens a alguns anos atrás à invenção da imprensa de tipos móveis, foi neste cenário que ela teve efetivamente seu início. Os reformadores, principalmente Lutero e Calvino, se beneficiaram desta nova técnica para difundir os seus escritos e ideias. Com o advento da imprensa de tipos móveis a impressão e comercialização dos escritos dos reformadores cresceu sobremaneira. Em parte pela própria ação do novo processo de impressão; e por outro lado, pelo próprio crescimento e consolidação do movimento reformado. Por exemplo, a produção das obras de Lutero foi tal que Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (2000, p. 381), afirmam que a partir de 1520 elas eram lidas e discutidas nas escolas de Paris, bem como acessadas nas cidades de Lyon e Meaux.

Mesmo sabendo que a produção bibliográfica dos reformadores foi extensa, e se beneficiaram sobretudo desta nova tecnologia de impressão, uma dúvida precisa ser esclarecida: como explicar as altas tiragens das obras dos reformadores, contrastando com os preços proibitivos do livro naquele período?

O questionamento se justifica porque para a fabricação de um livro de tamanho médio era necessário a utilização de uma quantidade razoável de pergaminho e tempo de um profissional da escrita, no caso o escriba. Estes fatores

encareciam muito o livro. Segundo Jacques Verger (1999) o preço de um livro correspondia a um mês de salário de um trabalhador.

Verger (1999, p. 112) afirma ainda que no fim da idade média, o livro custava caro, e este custo derivava principalmente do alto preço do seu suporte, o pergaminho.

Mas, mesmo no fim do século XVI, Steven Roger Fischer (2006, p.206) observa que, os livros continuavam raros e fora do alcance da maioria da população, e acrescenta:

Em quase toda a Europa, do século XV ao XVIII, a maioria dos leitores de livros era composta por médicos, nobres, ricos comerciantes e integrantes do clero, assim como na idade média.

Para Febvre e Martin (2000, p. 322), a tipografia tornou os textos mais acessíveis, muito mais que na cultura escrita permeada pelo pergaminho. Para reforçar este argumento citam alguns números para exemplificar o emprego desta nova tecnologia de impressão. Afirmam estes autores, que chegaram até nós de trinta a trinta e cinco mil impressões diferentes, impressos entre 1450 e 1500, representando cerca de dez e quinze mil textos diferentes. Admitindo uma tiragem média de quinhentos exemplares, chega-se a impressionante quantia de vinte milhões de exemplares impressos antes de 1500.

Ou seja, nos primeiros cinquenta anos de existência do novo processo de impressão, a tipografia conseguiu imprimir mais de vinte milhões de exemplares de impressos para uma Europa com cem milhões de habitantes, e entre estes, uma minoria sabia ler e escrever.¹

Esta quantia calculada por Febvre e Martin é considerada alta, mesmo para épocas posteriores e trazem alguns questionamentos, pois nela está inserida a

¹ Para Briggs & Burke até 1500 cerca de 13 milhões de textos estavam circulando na Europa. BRIGGS, A.; BURKE. P. Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 24.

produção literária dos reformadores. Então como explicar as altas taxas de analfabetismo do século XV e XVI e ao mesmo tempo concordar com tiragens razoáveis das obras dos reformadores especialmente de Lutero? Como observa W. Stanford Reid (1990, p.38) "... a grande maioria das pessoas era analfabeta, pois a sociedade medieval era uma sociedade basicamente oral e visual"

Elizabeth L. Eisenstein, (1998, p.167) ao citar A.G. Dickens, afirma que entre 1517 e 1520, as trinta publicações de Lutero venderam com toda certeza mais de 300 mil exemplares. Como ilustração pode-se dizer que 100 mil exemplares das obras de Lutero, eram impressos e comercializados por ano no período entre 1517 e 1520.

Entre essas obras, os livros de Lutero são particularmente numerosos; pode calcular-se que, no seu total, representam mais de um terço dos textos alemães vendidos entre 1518 e 1525. (FEBVRE; MARTIN, p. 376-376).

Quando estes números são comparados com as altas taxas do analfabetismo do mesmo período, parece existir conflito entre estas duas informações. Entretanto naquele período já existia um mercado pré-estabelecido, criado pelo livro manuscrito e carente por material impresso. Para reforçar esta informação Febvre e Martin (2000, p. 322), enfatizam um ponto importante: que desde o início, impressores e livreiros trabalharam essencialmente com fins lucrativos, e que só aceitavam financiar a impressão de um livro se estivesse persuadidos da venda de número suficiente de exemplares em prazo razoável. Ou seja, nos primórdios da imprensa o que se imprimia, era quase essencialmente o que era encomendado ou o que se consumia.

Estes questionamentos são importantes, e a discussão possibilitará chegar a conclusões sobre as bases históricas do protestantismo reformado e sua relação com a leitura e o início da imprensa de caracteres móveis.

Com base nas informações anteriores pode-se afirmar que a divulgação e aceitação dos escritos dos reformadores, especialmente de Lutero e

posteriormente Calvino, e os esforços deles para popularizar o Livro sagrado, a Bíblia, foram fundamentais para reafirmar a importância da educação (alfabetização) e aceitação do livro impresso no século XVI. Como muito bem enfatizou Svend Dahl (1982, p. 140) “... a Reforma possibilitou uma democratização do livro até então desconhecida, cujos efeitos são incalculáveis”.

A partir do referencial teórico da história cultural, em particular da teoria das recepções pretende-se investigar como se deu a disseminação e a recepção dos textos dos reformadores protestantes num ambiente europeu do século XVI. Procura-se pesquisar como estes textos foram recebidos pela comunidade da época, e de que forma eles impactaram a vidas das pessoas e da própria sociedade possibilitando mudanças de hábitos e de costumes.

Ao evocar-se a teoria da recepção não se pretende dizer que ela pressupõe necessariamente a leitura, até porque muitos que receberam estes textos eram analfabetos, sendo a sociedade medieval basicamente oral e visual. Entretanto neste caso, outros liam para elas, permitindo aceitar ou mesmo avaliar o que era lido. “Esta foi a base sobre a qual se deu a transmissão dos ensinamentos dos reformadores protestantes e, particularmente, dos de João Calvino” (REID, 1990, p.40).

Contudo, a pesquisa também tem suas limitações. Pouco se sabe como e até que ponto os textos impactaram a vida das pessoas. Talvez neste caso fosse necessário fazer uma varredura na história das diversas cidades da época onde o protestantismo triunfou, buscando resultados que identifiquem o impacto da nova fé na vida das pessoas ou da comunidade. Sabemos de antemão que dados precisos como estes, são raros nos textos antigos², não obstante, é possível verificar através da aceitação dos escritos dos reformadores e da quantidade de tiragens das suas obras, a aceitação ou o interesse dos leitores pelo que era escrito.

² Sobre este assunto ver: R. Chartier. As práticas da escrita In: Ariès, Philippe; Duby, Georges. História da Vida Privada: da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Unesp, 2009, p. 113-162 (Companhia de Bolso)

Quando falamos em livro impresso, não queremos dizer que capa e miolo podem transformar pessoas, mas sim, que esta forma de apresentação do livro possibilitou que ideias fossem transmitidas em velocidade nunca antes imaginadas além de alcançar um número maior de pessoas. Foi o que aconteceu com a Reforma Protestante. Ela teve uma penetração mais evidente porque o desejo de reformar a igreja, sentimento que acompanhou os reformadores e já era perceptível séculos antes, foi difundida de forma mais ampla e rápida, pelo livro impresso.

Feita esta observação, a pesquisa desenvolve-se abordando os temas na seguinte ordem: Capítulo Primeiro - O Livro Manuscrito e o Impresso no Contexto do Século XVI. O capítulo começa com uma síntese da cultura do manuscrito, destacando como era a cultura escrita e como se desenvolveu até chegar a cultura impressa. Aborda os suportes e os materiais, e os diversos profissionais envolvidos na sua fabricação.

Em seguida aborda a “metamorfose” pela qual o livro passou, até chegar ao formato do códice, ancestral do livro que conhecemos hoje. Pesquisa como se dá a leitura e a recepção dos textos impressos, como eles se reproduzem e impactam a vida das pessoas. Além disso, discute-se a substituição de uma prática social, a leitura em voz alta, por outra, a leitura silenciosa e as consequências derivadas desta postura.

A comparação do tempo e custo de produção de um livro manuscrito e de um livro através da nova técnica de impressão possibilitará evidenciar como a impressão com “caracteres móveis” baixou os custos de produção e diminuiu o tempo necessário para a reprodução de um texto fazendo com que mais leitores tivessem acesso a mais textos em um menor espaço de tempo, contribuindo decisivamente para a disseminação do novo suporte e tipo de impressão. Com isso conclui-se que o legado de Gutenberg seja inventando ou aperfeiçoando as técnicas de produção de um livro tipográfico foi sem precedentes.

No capítulo dois - A Reforma Protestante, a Educação e a Tipografia, procura destacar aspectos históricos da origem da Reforma Protestante e dimensionar as marcas deixadas por ela na sociedade; ao mesmo tempo demonstrar que a imprensa tipográfica teve uma importante participação na disseminação das idéias reformadas.

O capítulo também aborda como se deu a leitura e recepção dos textos dos reformadores e como eles foram disseminados no século XVI. Enfatiza que a educação (alfabetização) recebeu atenção especial por parte dos reformadores. Nesta perspectiva vários deles, como João Wycliff, João Hus, Martinho Lutero, Felipe Melancton, João Calvino e João Amós Comênio, contribuíram significativamente na fundação de inúmeras universidades, além de exercerem grande influência na vida educacional e cultural de vários países.

Por outro lado reformadores como Lutero e Calvino se beneficiaram deste instrumento de divulgação que foi o livro impresso na propagação de seus escritos e em debates provocados pela ruptura com a Igreja Católica da época. Ao utilizar esta nova técnica e suporte, eles acabaram contribuindo com a popularização do livro impresso, ou tipográfico.

O Capítulo Três - Os Reformadores e a Imprensa Tipográfica – É o âmago do trabalho, pois após demonstrar as transformações pelas quais o livro passou, e abordar como foi a Reforma Protestante, educação e a imprensa tipográfica se relacionaram; procura-se com mais profundidade abordar a utilização por parte dos reformadores da nova tecnologia de impressão na disseminação das suas idéias.

Nesta perspectiva destacam-se particularmente as obras de Calvino, e em especial as Institutas. A análise e levantamento das edições e tiragens das obras produzidas por este reformador é um ponto importante para medir a importância da imprensa tipográfica como elemento divulgador dos seus escritos.

Mais do que isto, o estudo de uma das suas obras, as *Institutas*, servirá como referência para avaliar como se dava a impressão, divulgação e impacto de um livro protestante no século XVI.

A importância da imprensa tipográfica na divulgação da Reforma Protestante tem sido objeto de diversos livros e pesquisas acadêmicas. Pode-se indicar como exemplo a excelente obra da historiadora Elizabeth L. Eisenstein, *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna* (1998), esta obra traz a discussão de que o advento da imprensa revolucionou a Europa no século XV, no contexto dos três movimentos daquele período, ou seja, o Renascimento, a Reforma Protestante e o surgimento da ciência moderna. Esta visão de Eisenstein sobre o impacto da imprensa no século XVI, será contrastada com a de outro historiador do livro e da leitura, Roger Chartier. A discussão é importante para compreensão de alguns aspectos que a imprensa de caracteres móveis criou, e outros que ela apenas herdou conforme defendida por Chartier.

Por outro lado, poucos estudos enfatizam o impacto da Reforma Protestante na disseminação do livro impresso e a contribuição desta para a aceitação deste novo tipo de livro. Acredito que a relevância desta pesquisa reside principalmente neste fato.

Para alcançar os objetivos, foram realizadas pesquisas bibliográficas, em livros, artigos de periódicos, bases de dados nacionais e estrangeiras procurando analisar as relações existentes entre a Reforma Protestante e a história do livro impresso.

Além de Elizabeth L. Eisenstein o tema desta pesquisa tem sido trabalhado por outros autores e pesquisadores em diversas obras em língua portuguesa. Uma delas é *História da Leitura no Mundo Ocidental*, v. 2, (2002), obra escrita por vários historiadores renomados, com os textos organizados por Roger Chartier e Guglielmo Cavallo.

As considerações sobre a prática da leitura com os suportes do texto são de particular interesse para esta pesquisa, descritas especialmente no capítulo oito com o título, *Reformas protestantes e leitura* por Jean-François GILMONT. Neste capítulo o autor discute a importância de se imprimir na língua popular, destaca o árduo trabalho de Lutero ao traduzir a Bíblia para a língua alemã e a apropriação e circulação dos textos dos reformadores no século XVI.

Também importante é a discussão presente tanto nos livros de McLuhan e de Eisenstein, de que existiu uma cultura do manuscrito baseada na oralidade e outra cultura, a do impresso, baseada na leitura silenciosa.

Outra obra fundamental é a de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, *O aparecimento do livro (2000)*, segundo Chartier (2005), esta obra tem um título problemático, porque leva a crer que Gutenberg inventou o livro, porém como argumenta Chartier, o livro já existia bem antes do século XV. Deixando de lado esta discussão, a obra traz informações preciosas sobre os primórdios da tipografia e a sua evolução, o emprego do suporte papel, a geografia do livro impresso, e o que mais nos interessa, a utilização que os reformadores fazem deste novo livro.

A obra de Jacques Verger, *Homens e saber na Idade Média (1999)*, em especial o capítulo terceiro “Os livros”, constitui-se em outra obra de suma importância para compreensão do mundo do livro manuscrito. O capítulo destaca principalmente a fabricação do manuscrito e o porque do seu alto custo. O autor discorre que o alto preço do livro manuscrito derivava especialmente do custo do seu suporte, o pergaminho, e do trabalho do profissional da escrita, o escriba. Este capítulo é de importância fundamental para a comparação do preço de um livro manuscrito no final da idade média e de um livro impresso pelo novo sistema de impressão, o tipográfico no século XV.

A obra de Roger Chartier, *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador (2003)*, documenta uma conversa entre o autor com o historiador Jean Lebrun. O diálogo permite que Chartier recontar a história do livro desde seu início na

antiguidade até a era da navegação na Internet. Chartier destaca pontos importantes como o nascimento do *códice*, ancestral do livro que é conhecido hoje, a sua fabricação e circulação além da história da leitura. O livro traz informações interessantes, por exemplo, como se dava o fornecimento de matéria prima para a imprensa nos seus primórdios.

Outra obra importante para esta pesquisa é a de Alberto Manguel (2009), *Uma História da Leitura*, em especial o capítulo “A forma do livro”. Neste capítulo o autor traça um histórico dos diversos formatos que o livro teve na história. Segundo o autor o formato do livro está intimamente relacionado com a sua utilização. Com o tempo os formatos do livro impresso foram diminuindo, possibilitando o seu transporte manual, contrastando com o formato do livro da idade média grande e pesado. Este formato compacto do livro vai contribuir com o desenvolvimento das leituras silenciosas. Daí pode-se concluir que o formato do livro denuncia o seu uso.

A discussão dos pontos levantados nestes capítulos é o que proponho discutir a seguir.

CAPÍTULO 1

O LIVRO MANUSCRITO E O IMPRESSO NO CONTEXTO DO SÉCULO XVI

Imersos em uma sociedade onde os meios de comunicação eletrônicos exercem um fascínio sem igual, talvez teremos uma vaga idéia do que representa o livro na história da humanidade, especialmente nos debates religiosos na Europa do século XVI.

Entretanto no contexto da história do livro ocidental, deve-se ter em mente que a idéia de livro não é a mesma que se tem hoje. Por exemplo, que sentido faz para o homem do século XXI, as profissões como calígrafo, escriba, iluminador, miniaturista, pergaminheiro, ou mesmo instrumentos como pena de ganso, papiro, pergaminho, ou então os formatos que o livro manuscrito teve ao longo da sua história como rolo, volumen ou códice?

Livro na antiguidade grego-romana, era um rolo de papiro, em latim chamava-se volumen. Este rolo ou volumen, era uma longa faixa de papiro ou pergaminho que o leitor lia em pé e manjava com as duas mãos, por isso era impossível ler e fazer anotações ao mesmo tempo, prática comum em nosso tempo. Além de grande e pesado.

Entre os séculos II e IV d.C., surge um novo formato de livro, o *codex*. Roger Chartier (1998, p. 7), o define como “objeto(s) composto(s) de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos”. Este novo formato do livro é revolucionário por que conforme observa Albert Labarre (1981, p. 13) “...atinge o livro na sua forma e obrigava o leitor a mudar completamente a sua atitude física”. Pois agora em novo formato, mais leve e compacto, as atividades de escrita e leitura já podem ser executadas ao mesmo tempo pela mesma pessoa, como observa André Belo (2008, p. 26-27)

[...] a possibilidade de avançar ou recuar livremente, folheando o livro, passou a permitir comparações ágeis entre seções, contribuindo para o aparecimento da paginação, para a criação

de índices e para o estabelecimento de comparações entre as diversas partes da obra. Essa foi uma das razões por que o novo formato se desenvolveu rapidamente entre as comunidades cristãs: ele era muito adaptado à consulta e à pregação do texto sagrado, um livro composto de diversos “livros”, exigindo saltos freqüentes entre eles.

O livro tal como é conhecido hoje, herdeiro dos formatos descritos anteriormente, é um dos grandes legados das civilizações passadas. Porém, não se pode deixar de registrar, conforme vimos, que ele é fruto de uma evolução que teve início entre o segundo e o quarto século depois de Cristo e veio com o tempo aprimorando-se até chegar a este último formato. Maria Cristina Gioseffi (2004) argumenta que com o tempo ele transformou-se em um dos mais poderosos instrumentos de irradiação e domínio da cultura ocidental. Este domínio conforme descreve é o da divulgação das idéias, da cultura textual que hoje se fortalece através das novas tecnologias.

A evolução do livro e seu impacto na Reforma Protestante é um dos pontos estudado por esta pesquisa. Ao mesmo tempo destaca-se a contribuição da Reforma Protestante na difusão ou disseminação desta evolução. A história desta evolução é um dos grandes capítulos da história deste objeto que chegou a ser considerado um bem muito precioso, a ponto de ser arrolado nos inventários medievais.

Por mais de mil anos, o livro manuscrito, uma das formas que o livro teve ao longo da sua trajetória, reinou absoluto. Este reinado perdurou da queda do Império Romano até o Renascimento, mas manifestou-se, sobretudo, em toda a Idade Média. Em sua trajetória, utilizou-se de três principais suportes: o papiro, o pergaminho e o papel.

Planta originária do Egito, o papiro foi por muito tempo suporte da escrita. Do caule retiravam-se finas laminas que colocadas em camadas paralelas e sobrepostas por outras, podia-se obter uma substância compacta.

O papiro foi o primeiro suporte “natural” da escrita. Seu comprimento habitual girava em torno de seis a sete metros, e a altura da página em torno de 15 a 30 centímetros. (O livro ontem, hoje, amanhã, p. 20).

A tinta usada no papiro era uma mescla de óleo ou negro de fumo, ou carvão vegetal com água e goma, porém nos títulos e epígrafes utilizava-se tinta vermelha. Escrevia-se na face anterior, no verso e poucas vezes no reverso. A escrita era feita em colunas, e para escrever utilizava-se um junco cortado em viés, sendo mais tarde substituído por um caniço cortado denominado calamo. O papiro foi utilizado até o quarto século, sendo substituído aos poucos pelo pergaminho.

Em geral, o pergaminho era uma pele trabalhada, de carneiro, bezerro ou cabra, e até de gazela, antílope e avestruz (JEAN, 2002, p. 80); cabra, cabrito, ovelha, carneiro, vaca, camelo (MOTTA; SALGADO, 1971, p. 18). Georges Jean (2002, p. 80), enfatiza que as peles de carneiro e bezerro levavam vantagens por suportar a escrita dos dois lados.

“As variedades mais finas e flexíveis, denominadas velinos” (MOTTA; SALGADO, 1971, p. 18), derivadas de animais recém-nascidos, de animais muito pequenos e mesmo fetos eram considerados de melhor qualidade, principalmente pela uniformização da superfície e resistência, tinham como propósito os trabalhos com miniaturas.

Para receber a escrita o pergaminho exigia uma série de preparos que em geral dependia muito da habilidade do artesão que o preparava. Labarre (1981 p.10) observa detalhes importantes no preparo do pergaminho e ao mesmo tempo informa o porquê do seu preço elevado,

“as peles eram lavadas, secas, estiradas, estendidas no chão, com o pelo para cima, cobertas com cal viva no lado da carne; depois pelava-se o lado do pelo, empilhava-se as peles num barril cheio de cal; por fim lavavam-se, secavam-se estendendo-as, tornavam-se mais finas, poliam-se e talhavam-se consoante o corte pretendido. O pergaminho era simultaneamente um

material mais sólido e mais flexível que o papiro, e permitia que o raspasse e o apagasse. Entretanto, o seu emprego generalizou-se lentamente, e só no século IV da nossa era suplantou completamente o papiro na confecção de livros. Mantinha-se com um preço elevado, por causa da relativa raridade de matéria-prima e também em virtude do custo da mão-de-obra e do tempo que seu preparo requeria.”

O advento do pergaminho possibilitou dois avanços decisivos :

“de um lado, permitiu a utilização da pena de ganso, que proporcionava possibilidades infinitivamente mais variadas que o velho pincel de caniço; e, de outro, as folhas podendo ser dobradas e costuradas, chagava-se à generalização dos “codex”, ancestrais de nossos livros, constituídos de folhas sobrepostas e unidas umas as outras” (JEAN, 2002, p. 82)

O livro manuscrito, agora em pergaminho, teve não só a função de preservar o texto, mas também de preservar uma das suas maiores manifestações artísticas da Idade Média: a miniatura. A principal manifestação pictórica deste período, assim chamada não porque se trata de obras de arte muito pequenas, mas porque contém mínio, nome vulgar do óxido natural de chumbo, pigmento de “cor vermelha, que se pintava algumas partes dos códices, como as iniciais” (PINHEIRO, 1999, p. 73).

Não obstante a absoluta primazia do livro manuscrito na Idade Média, Jacques Verger (1999, p. 112), acrescenta que a sua confecção e circulação, eram cheias de obstáculos que tornava difícil o seu acesso.

O primeiro e principal obstáculo era de ordem econômica. O livro custava caro. Esse custo vinha, antes de mais nada, do preço do suporte. Um livro requeria grande quantidade de pergaminho (de acordo com o formato do livro, obtinha-se de dez a dezesseis folhas por pele) e o pergaminho era um material oneroso.

Como ilustração da quantidade de material que um livro, porte médio requeria, Ana Virginia Pinheiro (1999, p. 70) citando Otavio Roth afirma que uma Bíblia consumia a pele de pelo menos, trezentos carneiros.

Mesmo alguns dos missais e antifonários utilizados pela Igreja por volta do quinto século, eram tão grandes que permitiam que as pessoas seguissem as palavras ou notas musicais, a vários metros de distância, sem nenhuma dificuldade. Ao mesmo tempo eram tão grandes que tinham que ser transportados sobre rodinhas para serem removidos, embora, raramente saíam do lugar (MANGUEL, 2009, p.155).

De forma que os materiais utilizados para a confecção de um livro manuscrito encareciam substancialmente o seu valor, entretanto este não era o único fator que tornava um livro medieval caro. Outro fator era o alto custo de sua cópia. O historiador Georges Jean (2002, p. 90), enfatiza que para a formação de um copista eram necessários pelo menos, sete anos de investimentos financeiros e de tempo. Este é outro fator que fazia o livro medieval caro. Os bons copistas eram raros e seu trabalho era lento e custoso.

Os bons copistas trabalhavam lentamente: por volta de duas folhas e meia por dia, em média. Por outras palavras, em um ano, um bom copista produzia apenas cinco livros de duzentas folhas; ou ainda, se preferirmos, para chegar a fornecer mil livros deste tipo em um ano, não se poderia ter menos de duzentos copistas trabalhando o tempo inteiro. (VERGER, 1999, p.112)

O *scriptorium* era o lugar onde os manuscritos eram copiados, decorados e encadernados. Normalmente ficava numa abadia ou monastério. Segundo Jean (2002, p.83), neste ambiente de trabalho cada escriba podia finalizar, em média, “quatro in-fólio por dia; o in-fólio dos pergaminhos equivalia a uma folha de 35 a 50 cm de altura por 25 a 30 de largura”

Neste espaço, diversos profissionais da escrita trabalhavam. Os calígrafos eram encarregados da escrita, os miniaturistas e os iluminadores eram os especialistas da ilustração, capazes de executar além das letras capitulares

que iniciavam cada capítulo, como também desenhos de flores, personagens e paisagens com cores vivas. E por último o *illigatorliborum*, ou o encadernador encarregado de fazer a capa de couro e o fecho. Em geral era este profissional que finalizava o trabalho.

Ao descrever as atividades num *scriptorium*, Labarre (1981, p. 25) informa:

Escrevia-se geralmente com pena de ganso; para evitar os borrões que estas provocavam, colocava-se o pergaminho sobre uma estante inclinada, de forma a segurar a pena numa posição oblíqua. Não se escrevia sobre volumes encadernados, mas sobre cadernos separados, que se reuniam no final do trabalho. Antes de copiar, o escriba delimitava sobre a página o quadro onde se escrevia o texto, deixando as margens e os espaços reservados aos títulos e à decoração.

No século XII, o monopólio da Igreja é quebrado e estes profissionais vão aos poucos se organizando em oficinas e associações, executando trabalhos para a nova burguesia comercial. Nesta altura a produção de manuscritos já é diversificada. Além das obras de luxo para a nobreza e manuais de teologia para o clero, são executados trabalhos de culinária, educação, medicina astronomia e romance.

Com o século XIII, surgem as universidades e com elas uma importante fonte de trabalho para os copistas, a reprodução dos textos autorizados. Porém o livro manuscrito ainda é um objeto caro, e somente os estudantes ricos podem recorrer aos profissionais da escrita. Aqueles que não tem condições de adquirir um livro acabam alugando os exemplares em uma livraria autorizada e copiá-los letra a letra (JEAN, 2002, 90).

O preço do livro medieval só começou a cair com a substituição do pergaminho pelo papel. Entretanto o seu uso mais efetivo só se deu plenamente no século XV. Segundo Ana Paula Mathias de Paiva (2010, p. 34), a invenção do papel aconteceu na China no século II d.C., depois os árabes levaram os segredos da sua fabricação para o norte da África e posteriormente para a península

Ibérica no século VIII, pela cidade de Tarifa. A partir de então a sua fabricação disseminou-se por toda a Europa.

O papel tem uma importância fundamental na difusão do livro manuscrito quanto para o impresso. Esta importância é claramente percebida no barateamento que o livro teve nos anos que se seguiram com a utilização e posterior disseminação deste novo suporte.

A difusão do papel *chiffon*, ocorrida na Espanha desde o século XII, na França no XIII, permitiu baixar o preço. Mas é somente no século XIV e, sobretudo, no XV que o uso do papel se difundiu largamente no domínio do livro manuscrito. Com igual superfície, calculando-se a partir de documentos franceses, o papel podia tornar-se cinco vezes mais barato que o pergaminho no século XIV e até treze vezes mais barato no século XV, graças à melhoria das técnicas da papelaria e à multiplicação das oficinas de papel. (VERGER, 1999, p.112).

Para Wilson Martins (2002, p.115), a introdução do papel na Europa foi igualmente importante porque,

Ele vinha responder às necessidades que todos sentiam de um material barato, praticamente inesgotável, capaz de substituir com infinitas vantagens o precioso pergaminho.

Observa-se que estes suportes além de definir os múltiplos formatos do livro através do tempo, possibilitaram a sua difusão em grande escala e com maior qualidade. O pergaminho em substituição ao papiro possibilitou confecções de trabalhos mais elaborados com maior durabilidade. Por sua vez, o papel apresentava a vantagem sobre o pergaminho de possuir preço inferior, e maiores possibilidades de fabricação.

A vantagem na fabricação do papel, em relação aos outros suportes, era a facilidade de obtenção do trapo, pelo menos nos seus primórdios, sua matéria-prima. O pergaminho por outro lado, ainda que mais resistente, precisava ser

obtido a partir da pele de um animal que deveria ser morto, a fim de retirá-lo a pele, e só depois processá-la. O papel como novo suporte do livro, possibilitará maior desenvolvimento do livro manuscrito e posteriormente também do impresso.

A imprensa de caracteres móveis é atribuída a Johannes Gensfleisch Gutenberg (1400-1468), não obstante existir indícios que esta técnica há muito era empregada no oriente. A inovação que Gutenberg trouxe foi que ao invés de fundir a página inteira em uma peça única, produziu caracteres individualizados e reutilizáveis. Estes caracteres eram fabricados com uma mistura de chumbo, antimônio e estanho que era derramada em um molde de precisão e após aberto, cada peça ou letra fundida era polida ou limada. Depois estas peças eram organizadas em caixas de madeira, com divisões, até o momento da composição. “Compor”, neste caso, significava formar o texto desejado com a sequência correta dos tipos retirados da caixa.

Este processo permitia que cada caractere pudesse ser usado muitas vezes. Foi o que aconteceu quando Gutenberg e seus artesãos imprimiram a sua primeira Bíblia, conhecida na história como B-42 ou Bíblia de 42 linhas, alusão ao número de linhas de texto compostos para cada página.

Esta Bíblia foi impressa em gótico alemão com iluminuras, em dois volumes, medindo cada um cerca de 30,5 cm de largura por 40,5 cm de altura, com um total de 1.282 páginas. A grande maioria dos exemplares foi impressa em papel de trapos e aproximadamente um quarto foi impressa em vellum (CLAIR, BUSIC-SNYDER, 2009, p. 56). Cada página impressa dessa Bíblia continha 400 a 500 peças de tipos. Calcula-se que o estoque criado para imprimir uma página enquanto outra estava sendo composta era de 15.000 a 20.000 peças de tipos.

Todo este processo teve um custo muito elevado, o que fez Gutenberg se associar a Johannes Fust, mas foi compensado no final quando finalizaram a impressão e venda de aproximadamente 180 Bíblias. Existem ainda 48 exemplares em papel e 12 em pergaminho. Para se ter uma idéia de quanto

representa esta obra, uma única folha é cotada no mercado a setenta mil dólares (BAÉZ, 2006, p. 149).

Algo interessante era que o desenho das letras da Bíblia e dos primeiros livros da imprensa, era baseado no padrão existente, ou seja, o manuscrito. Por isso, uma das características dos primeiros livros impressos era que deveria parecer o mais próximo possível com um manuscrito, como tivesse sido copiado a mão por um escriba.

O livro impresso, portanto, feito de papel de trapo, em seus primórdios conhecido como incunábulo, tinha praticamente a mesma feição do livro manuscrito. Aliás, esta aproximação ou imitação com o manuscrito era para que o livro impresso parecesse o mais perto possível do livro manuscrito, visando maior aceitação no mercado. Por isso os incunábulos, eram muitas vezes cópias fiéis do livro manuscrito.

Segundo os historiadores Febvre e Martin (2000, p.117), os impressores nos primeiros momentos da imprensa, conseguiram imitar as formas do livro manuscrito tão bem que “um profano deveria examinar com bastante atenção uma obra antes de determinar se ela é impressa ou escrita a mão”. Todo esse cuidado era porque os leitores e os profissionais do livro manuscrito, contemporâneos à invenção da imprensa, tinham receio deste novo processo de impressão.

Como bem observa Peter Burke (2002, p.174) que naquele período alguns grupos sociais levantaram diferentes críticas ao novo instrumento. Os copistas, os “papeleiros” (que vendiam livros manuscritos) e os cantores contadores de histórias profissionais, todos temiam que a imprensa os privaria de seu meio de vida.

Com o tempo a indústria tipográfica alcança toda a Europa. Por volta de 1500 havia oficinas impressoras em mais de 240 cidades europeias com estimativa de produção de 28 mil edições. Febvre e Martin (2000, p. 339) afirmam que a

produção de livros no século XVI é de tal dimensão que o livro impresso se torna acessível a qualquer um que saiba ler.

Com relação ao seu aprimoramento, Jean-François Gilmont (1999, p. 48) enfatiza que o livro impresso com o tempo “ganha progressivamente feições próprias à medida que os impressores se familiarizam com a nova técnica” Isto acontece entre os anos de 1520 e 1540. “Nesta data o livro impresso está inteiramente distanciado do modelo manuscrito”.

Elizabeth L. Eisenstein (1998, p.89), chama a atenção para este progresso que a imprensa acaba adquirindo com o tempo afirmando que,

ao tirarem edições sucessivas de uma determinada obra de referência ou conjunto de mapas, os impressores não só competiam com seus rivais como faziam progressos em relação a seus predecessores.

Além do progresso a imprensa tipográfica inseriu inovações no livro produzido por ela. Por exemplo, a página de rosto foi uma inovação do livro impresso, assim como a quebra de parágrafos. As historiadoras Martyn Lyons e Cyana Leahy (1999, p.15) afirmam que, “Embora a Bíblia tivesse sido dividida em capítulos no século XIII, não havia um modelo aceito de execução antes da versão do impressor francês Robert Estienne, de 1649”. Existe um procedimento que impressores fizeram no livro e que estas historiadoras enfatizam e que colaborará de forma significativa com os ideais dos reformadores. Observam as historiadoras que:

Houve uma modificação significativa na relação entre o texto e as anotações. Notas explicativas marginais eram muito comuns em livros manuscritos; mas Aldus Manutius adotou a técnica de imprimir as notas ao final do texto. Isso contrastava radicalmente com certos livros medievais, nos quais o texto poderia estar circundado nos três lados por notas marginais, e comprimido pelos extensos comentários que efetivamente se tornaram o item principal da página. Impressores renascentistas como Aldus

retiraram as anotações e devolveram ao texto sua primazia. Esse procedimento também agradou os escritores da Reforma Protestante, que queriam remover o comentário escolástico e retornar aos fundamentos das Escrituras. (LYONS;LEAHY, 1999, p.15).

Esta observação é importante, por demonstrar que impressores, como Aldus Manutius, visando aperfeiçoar a técnica de impressão, ou mesmo o lucro, como neste caso, acabaram colaborando com os anseios dos reformadores de possibilitar o menos possível a interferência da Igreja da época no texto Sagrado, a Bíblia.

Aldo Manuzio foi editor, tipógrafo e livreiro. Na história da tipografia e do livro, foi o profissional mais criativo e influente na consolidação da “arquitetura gráfica” do livro. Outras intervenções ou aperfeiçoamentos no livro impresso foram realizados por este profissional neste período. Segundo as historiadoras Kate Clair e Cynthia Basic-Snyder (2009, p. 61), a redução das margens, o emprego de caracteres menores e a utilização de menos material, possibilitaram a Aldus Manutius reduzir o custo de produção por exemplar.

Satué (2004, p. 23) descrevendo alguns dos grandes feitos de Manuzio observa:

A letra cursiva, o formato de bolso, o livro ilustrado, o livro de texto, o impulso definitivo aos tipos de fundição do estilo românico, a página dupla considerada como unidade formal, a capa de couro sobre papelão, a lombada quadrada, a gravação de ouro laminado aquecido, as coleções temáticas, os catálogos, os conselhos editoriais e inúmeros outras coisas são obra dele.

Além disso, Aldus Manutius visualizou livros impressos de baixo custo. Criou o conceito de livro portátil para que as pessoas pudessem ler com mais conforto. O design dos livros criados por ele deixou-os com uma estética mais moderna em relação aos livros impresso até aquele momento.

Cumprindo observar que o livro impresso acaba se consolidando por todo o continente europeu. Gilmont (1999, p. 48), chama a atenção para a redução do preço dos livros, do crescimento médio do tamanho das bibliotecas e também pelo fato dos livros manuscritos serem substituídos pelos impressos. Todos estes fatores, acrescentando o dado de que os inventários de falecimentos tornaram-se menos precisos nas descrições dos livros, são sinais da desvalorização do livro, afinal já é comum possuir obras impressas.

Colaborando com esta idéia, Peter Burke (2002) destaca que na Idade Média o problema era a escassez, a falta de livros. No século XVI o problema era a abundância. Para corroborar com esta afirmação cita o escritor italiano Antonfrancesco Doni, onde já em 1550 se queixava da existência de “tantos livros que não temos tempo para sequer ler os títulos”.

As pessoas ligadas a Igreja foram as maiores consumidoras do mercado livreiro. Este consumo derivava do fato da Igreja com toda a sua estrutura e serviço litúrgico constituída durante séculos, necessitar de grande quantidade de material para manter tanto os seus serviços como para prover a edificação dos seus fiéis. Neste caso, o livro impresso foi o instrumento que lhe serviria para tal propósito.

Aliás, os impressores procuravam se instalar em cidades onde existia maior demanda pelos seus serviços. Neste caso podemos concluir que a Igreja por sua demanda era quem atraía os impressores. Labarre (1981, p. 50) observa que:

[...] em 43 cidades a primeira impressão foi um livro litúrgico; noutras 80 cidades, foi também uma obra de caráter religioso. Isto significa que em metade das cidades onde a imprensa foi introduzida, tratava-se de favorecer o trabalho dos teólogos, de prover às necessidades do culto e do clero, e a edificação dos fiéis.

A partir do século VII, ocorreu uma das mais importantes invenções na história da leitura, a separação das palavras em textos monásticos da Bretanha e da Irlanda. Este fato que vai influenciar tremendamente os leitores do século XVI.

A introdução de espaços claramente perceptíveis entre cada palavra da frase, inclusive entre as preposições monossilábicas, teve como primeira consequência diminuir a necessidade de se ler em voz alta para compreender o texto (SAENGER, 2002, p. 147).

A separação das palavras além de ser um dos sinais mais evidentes do início da prática da leitura individual silenciosa (LYONS; LEAHY, 1999, p.17), traz consigo outra importante observação. Escritores descobriram que não mais poderiam formular e organizar os seus complexos pensamentos a partir do espaço restrito das lousas de cera, como de costume. A partir de agora os autores redigiam diretamente sobre cadernos e folhas de pergaminho permitindo que eles revissem e arrumassem o texto no decorrer de sua composição.

Como consequência desta postura os leitores começam a ler individualmente sem a necessidade de outra pessoa, até porque, além das mudanças ocorridas na disposição do texto, conforme descritas anteriormente, agora com o desenvolvimento da arte tipográfica e papelreira, o livro tem formato menor adequado para uma leitura individual e reservada.

A leitura silenciosa permitiu um relacionamento com a escrita que era potencialmente mais livre, mais íntimo, mais reservado [...] A leitura silenciosa criou a possibilidade de ler mais rapidamente e, portanto, de ler mais e de ler textos mais complexos. (CHARTIER, 2000, p. 24)

Esta nova estrutura e novo formato do livro vão influenciar tremendamente os leitores no século XVI, principalmente, porque a doutrina do “livre exame”, uma das doutrinas centrais da Reforma, contribuirá para a divulgação e impacto da leitura bíblica individual na vida das pessoas.

Concluí-se que a combinação papel-imprensa revolucionou a confecção de livros, e, produziu um novo tipo de livro, o tipográfico. Este livro, agora em papel, é diferente dos livros manuscritos em pergaminho da idade média, principalmente por causa da sua portabilidade e da possibilidade de ser multiplicado em quantidades inimagináveis em um curto espaço de tempo.

CAPÍTULO 2

A REFORMA, A EDUCAÇÃO E A IMPRENSA TIPOGRAFIA

Tendo como cenário inicial a Alemanha, a Reforma Protestante³ ultrapassa posteriormente os limites religiosos e marca profundas transformações também nos campos político, cultural e social do século XVI.

Pré-Reformadores

Deve-se compreender que a Reforma Protestante foi o ápice de um período marcado por movimentos de protestos contra os ensinamentos e práticas da Igreja da época. Um destes movimentos teve como líder maior João Wycliff (1325-1384) sacerdote e professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra.

Wycliff denunciou as irregularidades praticadas pelo clero, como as relíquias, as peregrinações, venerações dos santos, purgatório e as indulgências. Tinha a Bíblia como norma de fé e prática e defendia que cada pessoa tinha o direito de ler e interpretá-la individualmente, ponto este que foi explorado posteriormente por Martinho Lutero.

Uma das principais contribuições de Wycliff para o povo da Inglaterra foi sua participação na primeira tradução completa da Bíblia em inglês, tradução esta que incluía os apócrifos, era baseada na Vulgata Latina e Nicholas de Hereford traduziu a maior parte do Antigo Testamento (COSTA, p. 7). Esta tradução foi

³ Para alguns autores a Reforma Protestante foi um movimento sem precedentes na história da humanidade. “A Reforma Protestante do século XVI foi um movimento eminentemente religioso... A concepção da Reforma como um movimento originariamente religioso não implica a compreensão de que ela esteve restrita a apenas esta esfera da realidade; pelo contrário, entendemos que a Reforma foi um movimento de grande alcance cultural, institucional, social e político na história da Europa”. (Hermisten M.P. Costa A Reforma Protestante. In: **O Pensamento de João Calvino**. São Paulo: Mackenzie, 2000, p. 14-15). Nesta linha de pensamento o filósofo católico Battista Mondin afirma: “A Reforma Protestante foi um acontecimento essencialmente religioso, mas causou, ao mesmo tempo, profundas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais”. (B. Mondin. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Paulinas. 1981, Vol. II, p. 27). E mais a frente afirma “Como dissemos no início do capítulo, a Reforma Protestante foi antes e acima de tudo um acontecimento religioso. Em consequência disso, ela deve ser estudada e julgada segundo critérios religiosos, mais precisamente, segundo os critérios da fé cristã, cujo espírito original a Reforma se propunha restabelecer”. (p. 41).

realizada sessenta anos antes da invenção da imprensa dos tipos móveis, realizada por Gutenberg. Fato impressionante é que as cópias das Bíblias de Wycliff foram feitas à mão e em alguns anos foram distribuídos centenas de exemplares copiados pelos Lolardos, nome dados aos seus seguidores.

Outro pré-reformador foi João Hus (1372-1415), ele além de receber uma boa educação elementar, cursou na Universidade de Praga, atual República Tcheca, onde fez o mestrado em Filosofia no ano de 1396. Posteriormente foi professor desta Universidade, e mais tarde o seu reitor. Hus foi fortemente influenciado pelos escritos de Wycliff. Ele insistia na autoridade suprema das Escrituras, além de afirmar que Cristo e não o papa era o cabeça da Igreja.

Hus era muito culto e respeitado exercendo poderosa influência na Universidade, pois além de tudo, era o grande pregador da cidade, onde se tornou o porta-voz nacional dos anseios políticos e religiosos de seu povo (NICHOLS, 2000, p. 147).

Por causa dos seus ensinamentos contrários aos de Roma, foi condenado à fogueira pelo Concílio de Constança. O resultado das suas lutas e anseios, como também de outros mártires, são percebidos um século depois, na pessoa de Lutero.

Jerônimo Savonarola (1452-1498) foi outro personagem incluído entre os pré-reformadores. Ele foi um frade dominicano da cidade de Florença que pregou contra a imoralidade da cidade e da Igreja, praticada principalmente no papado. Savonarola foi posteriormente excomungado e enforcado como herege.

Todos estes pré-reformadores exerceram grande influência intelectual em sua época contribuindo decisivamente não só para a vida espiritual de seus contemporâneos como para o desenvolvimento da educação de seus países.

A Reforma do ponto de vista religioso teve como objetivo maior o retorno Bíblia, com o objetivo de reformar a igreja da decadência moral, teológica e espiritual.

E o personagem principal da Reforma só iria se declarar efetivamente no dia 31 de outubro de 1517. Nesta data Martinho Lutero (1483-1546), monge da ordem de Santo Agostinho afixou na porta da catedral de Wittenberg as suas Noventa e Cinco Teses.

Esta era a forma usada na época de convidar uma comunidade acadêmica para debater algum assunto. Por causa desta sua atitude, foi convocado, mas recusou-se ir a Roma mantendo as suas posições contra as do clero dominante. Em 1519, Lutero em um debate com o dominicano João Eck defendeu o pré-reformador John Huss e afirmou que os concílios e os papas eram falíveis.

Lutero compareceu em 1521 a Dieta de Worms, onde reafirmou as suas idéias. Por este posicionamento foi levado a refugiar-se no castelo de Wartburgo, sob a proteção do príncipe-eleitor da Saxônia, Frederico, o Sábio. Foi nesta prisão que ele, durante os dez meses que permaneceu no castelo começou a traduzir as Escrituras para a língua alemã.

Partindo de uma edição grega do Novo Testamento que Erasmo havia feito cerca de cinco anos antes, Lutero traduziu o Novo Testamento para o alemão, completando o rascunho em apenas 11 semanas. A partir desta época Lutero começa produzir um número expressivo de obras impressas, quer para reafirmar as suas crenças, ou para desafiar o poder de Roma.

Uma das principais convicções dos reformadores era a necessidade da educação do povo de uma forma geral. Eles acreditavam que a alfabetização dos leigos e uma educação mais significativa para o clero seriam fatores que contribuiriam para a evangelização dos povos. Por isto não mediram esforços para ver concretizado estes propósitos. Lutero por exemplo em alguns de seus escritos apresenta propostas em defesa da reforma do ensino secundário, da universidade e da educação elementar para toda a população. As suas concepções sobre educação estão em boa parte das suas obras, porém são mais claramente percebidas em dois dos seus escritos: em sua carta "Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham

escolas cristãs” e em um sermão pregado em 1530 intitulado “Uma prédica para que se mandem os filhos às escolas”. Nestes e em outros escritos Lutero estabelece que a educação é imprescindível para a propagação do cristianismo. Sobre este aspecto Paul Monroe (1979 p. 179) acrescenta:

Lutero via claramente a importância fundamental da educação universal para a Reforma e a preconizou insistentemente em suas pregações. O ensino deveria chegar a todo o povo, nobre e plebeu, rico e pobre; deveria beneficiar meninos e meninas – avanço notável; finalmente, o Estado deveria decretar leis que para frequência obrigatória.

Segundo J. Atkinson (1987, p. 205) no seu auge Lutero produzia uma obra a cada quinze dias. Pois ao contrário do que aconteceu com Wycliff e Hus, desde o seu início o luteranismo foi um movimento que se utilizou do livro impresso para divulgação dos seus ideais.

Observamos que pela primeira vez na história, um vasto público de leitores teve acesso a idéias revolucionárias graças a um modo de comunicação que se dirigia as massas, que utilizava as línguas vernáculas e que recorria tanto a arte impressa como a da caricatura.

Por todo este histórico a Reforma Protestante procurou sempre investir na educação. Aliás, a história é testemunha de que a Reforma Protestante e educação estão intimamente ligadas. Onde a Reforma prosperou sempre levou consigo escolas e deu grande impulso a alfabetização.

Historicamente os protestantes reformados tem sido construtores de escolas, colégios e universidades. Podemos constatar isto na origem de três grandes universidades americanas de maior importância histórica, Harvard, Yale e Princeton que foram originalmente fundadas por protestantes calvinistas (Augustus Nicodemus LOPES, 2009. p.135).

Uma das maiores instituição de ensino protestante no Brasil, o Mackenzie, é fruto do trabalho de missionários protestantes calvinistas norte-americanos.

Esta instituição iniciou seus ensinamentos no século XIX como um colégio e foi desenvolvendo-se até se transformar nesta grande Universidade. Complementa Lopes (2009, p. 136):

Como escola de origem reformada, o Mackenzie busca a excelência na educação e a formação integral de seus alunos, a partir de uma visão cristã de mundo. A excelente colocação da Universidade e das Escolas Mackenzie por si só demonstra que é possível conciliar uma cosmovisão cristã com ensino de qualidade.

O protestantismo reformado tem como expoente maior o reformador João Calvino (1509-1564). Calvino é um reformador da segunda geração, cuja relevância encontra-se não em sua relação com as origens do protestantismo, mas com a consolidação e expansão posterior do movimento reformador no período de 1536 a 1564. (McGrath, 2007, p. 61).

Calvino era 26 anos mais jovem que Lutero, mas foi claramente influenciado pelo pensamento dele, particularmente pela graça mediante a fé. Ele nasceu em Noyon, na França. Orfão de mãe, Calvino foi criado por seu pai, que sendo secretário do bispo, obteve um benefício com o qual subsidiou a sua educação. Com a idade de 14 anos Calvino mudou-se para Paris onde começou a estudar no Collège de La Marche e posteriormente fez os estudos teológicos no Collège Montaigu.

Com a idade de 18 anos Calvino recebeu seu título de Mestre em Humanidades. Em 1528 começa a estudar em duas famosas escolas de direito: a primeira a de Orleães e depois a de Bouges, onde em 1532 forma-se em direito. Em 1532 publica sua primeira obra, tratava-se do comentário intitulado Da clemência de Sêneca.

Pouco se sabe da sua conversão ao Protestantismo, exceto quando descreve um pouco, na resposta a Sadoleto. Parece que uma das suas características, no que diz respeito às questões pessoais, era discreto e reservado. Algum tempo depois, Calvino publica a primeira edição das Institutas em 1536 em

Basiléia, sua obra magna, onde estava refugiado desde janeiro de 1535. Nesta obra, escrita em latim, ele revela seus dotes literários e conhecimento da Bíblia.

Justo L. Gonzalez (2003, p.110) comentando sobre as Institutas diz que o principal objetivo de Calvino era um fazer breve resumo da fé cristã do ponto de vista protestante pois,

Até então, quase toda literatura protestante, chegava pela urgência da polêmica, e assim tratava somente dos pontos em discussão, e havia dito pouca coisa sobre outras doutrinas fundamentais do cristianismo, como por exemplo a Trindade, a Encarnação, etc. O que Calvino se propunha então era cobrir esse vazio com um breve manual ao qual deu o título de Institutas da Religião Cristã.

Esta primeira edição das Institutas surgiu em Basiléia, em 1536 em latim. Um livro então com 516 páginas em formato pequeno. Constava apenas com seis capítulos. Em nove meses se esgotou a edição (GONZALEZ p. 110)

Longe de ser a edição final, ainda assim já era a apresentação popular mais ordenada e sistemática da doutrina e da vida cristã que a Reforma produzira (Walker Williston, 1981, p. 72).

Calvino foi um eminente escritor, como podemos perceber com a publicação da sua obra magna, as Institutas. Observamos também a sua influência no campo da teologia, sendo também reconhecido por quase todos. Entretanto destacamos que sua importância não se restringiu somente nesses dois seguimentos. Não obstante ele ser um eminente teólogo, a questão da educação sobressai nos seus ensinamentos, mesmo que de forma secundária, porém não sem importância, destacando desta forma a força do seu pensamento (VIEIRA, 2008, p.119).

Os planos de Calvino para a educação, segundo Robert H. Nichols (1997, p. 183) “foram inspirados por sua convicção de que a verdadeira religião e a educação estão inseparavelmente associadas”

Por isto observa Wilson de Castro Ferreira (1985, p.188) que para Calvino a escola tem um papel fundamental, não sendo apenas instrumento de aperfeiçoamento da sociedade, como um fim em si mesmo, mas

[...] um meio para alcançar a mais alta finalidade da vocação humana, a glória de Deus. Por isso, cuida com carinho da educação nos seus diferentes graus, de modo que pudesse aqui na terra preparar para uma vocação que transcende às finalidades puramente terrenas.

Mais a frente conclui Ferreira (p. 189) que a educação seria o instrumento próprio para preparar o indivíduo com a finalidade de servir na vida secular com consciência e dever, mas principalmente para a finalidade mais suprema – “a glória de Deus”

Percebemos isto claramente em sua primeira estadia em Genebra, quando trabalhou junto aos Conselhos daquela cidade. Calvino procurou melhorar as condições de ensino e também levantar recursos para construção de escolas. Mais tarde trabalhou junto ao Conselho apresentando projeto educacional a todas as crianças.

Com este ato surge a criação do Collège de Rive. A primeira escola primária, gratuita e obrigatória de toda a Europa, observa Hermisten M. P. Costa (2008, p. 36). Este colégio encerra as suas atividades quando Calvino vai para Estrasburgo, reativando somente com seu retorno em 1541.

Mesmo com toda resistência que Calvino encontrou na cidade de Genebra, ele instituiu o ensino fundamental para todos os cidadãos e fundou mais tarde a Academia de Genebra tendo a sua inauguração em culto realizado em 1559 na Catedral de Saint-Pierre.

Costa (2008, p. 38) argumenta ainda que embora a Academia tenha um início modesto, Calvino

[...] esforçou-se por constituir um corpo docente competente, sendo ajudado neste propósito por um incidente político. Alguns ministros de Lausanne que em 1558 haviam protestado contra a proposição de Berna a respeito da autoridade secular foram depostos em janeiro de 1559, vindo para Genebra. No entanto, a Academia no seu início teve apenas cinco professores: João Calvino e Theodore Beza (1519-1605) que revezavam no ensino de teologia; Antoine-Raoul Chevalier ou Le Chevalier (1507-1572), professor de hebraico; François Bérauld, professor de grego, e Jean Tagaut († 1560), professor de artes (filosofia).

Posteriormente a Academia deu origem ao que é hoje a Universidade de Genebra.

Ainda em relação à educação convém lembrar que, Calvino considerava importante que todos fossem alfabetizados, inclusive as mulheres; sendo que a alfabetização universal foi alcançada, posteriormente, na Escócia, pela ação de pastores calvinistas. E foi na Escócia que John Knox em 1560, que estudou em Genebra, providenciou um sistema educacional para todo o país que abrangia da escola primária até a universidade. Um dos pontos importante deste sistema educacional era que caberia a Igreja a supervisão das escolas e professores. Nele os alunos mais abastados deveriam ser mantidos por sua própria conta, enquanto que os menos favorecidos deveriam ficar a cargo da Igreja. Outro aspecto importante deste sistema era o fato que a Bíblia era o tema principal de estudo.

Mesmo não sendo um educador, Knox criou um sistema que funcionou de forma tão eficiente que só sofreu alterações significativas no século XIX.

Cumprir observar que a doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes, doutrina ensinada por todos os reformadores, de Lutero a Zuínglio, inclusive por Calvino, foi talvez o grande propulsor do ensino universal, pois se tratava de uma necessidade espiritual comum a todos, isto é, aos novos adeptos do protestantismo era requerida a capacidade de leitura e interpretação das Sagradas Escrituras e esta possibilidade a igreja da época procurou dar pelas

mãos dos principais reformadores.

Portanto, a leitura e interpretação dos textos sagrados deveriam fazer parte do cotidiano de todos aqueles que abraçassem a fé reformada. Por isso, não é de estranhar que com a Reforma nasceu o lema de que, ao lado de cada igreja protestante deveria haver uma escola. Este mesmo princípio foi trazido por missionários norte-americanos reformados para o Brasil. Podemos observar que ao lado, ou mesmo na cidade de algumas Igrejas Protestantes mais antigas existe uma escola, colégio, faculdade ou até mesmo universidade, que foi criada ou é mantida pela igreja.

Ora a educação para estas igrejas também tinha como meta principal a alfabetização ou o ensino dos novos adeptos na fé que agora abraçavam. As igrejas reformadas com isto procuravam cada vez mais qualificar os seus novos adeptos e o faziam através do seu instrumento principal, o livro, neste caso a Bíblia.

A Bíblia, portanto, foi o principal instrumento dos reformadores para a divulgação da sua fé. Não é de admirar que o primeiro livro impresso por Gutenberg tenha sido a Bíblia. E a grande quantidade de impressão de Bíblias se deve ao valor que ela representa para as igrejas descendentes da Reforma protestante.

Nos primórdios da imprensa a Bíblia no todo ou em parte, foi o livro por excelência mais procurado, traduzido e impresso. Segundo José Teixeira de Oliveira (1989, p. 117) A primeira edição da tradução do Novo Testamento feita por Lutero, no ano de 1522, com 5.000 exemplares, esgotou-se em três meses, não obstante a seu preço elevado.

Neste esforço de divulgar a Bíblia Lutero batalhou também por uma educação universal na Alemanha, observa José Rubens L. Jardimino (2009, p. 48) e isto ele o fez ao iniciar a construção de um sistema universal de escolas básicas na Alemanha do século XVI, e também quando exorta essas autoridades à obrigatoriedade dos pais de enviarem seus filhos aos estudos básicos, Lutero

constrói desta forma o projeto educacional da modernidade. E para sustentação deste projeto, a Bíblia na língua alemã é indispensável. Esta tradução vai se concretizar, na sua forma completa, em 1534.

Podemos então afirmar que a valorização da Bíblia decorre da ênfase que os protestantes dão a leitura. É através dela, ou seja, da leitura, que os novos adeptos são introduzidos ou mesmo os mais antigos membros se aprofundam no conhecimento da sua fé.

O fenômeno editorial que se desenvolve em torno da Bíblia é mais impressionante. As reedições sucedem-se em um ritmo rápido. A Bíblia alemã de Lutero chega a mais de 400 reedições totais ou parciais antes de sua morte em 1546 (GILMONT, 1999, p. 50-51).

Esta valorização é claramente percebida no período da Reforma Protestante. Gilmont (1999, p. 49) ainda enfatiza que Lutero não é o único a se preocupar em dispor a Bíblia em língua vernácula. Em 1526 surge a tradução na língua holandesa em Antuérpia. A Bíblia italiana data de 1532 sob a influência de Antonio Brucioli. Já a francesa surge em 1535 sob a influência de Farel e Olivetano. Neste mesmo ano, ou seja, 1535, surge a tradução para a língua inglesa.

Os reformadores foram homens das letras. Wilson Castro Ferreira (1985, p. 114) ao comentar o envolvimento de Calvino com a vida administrativa e espiritual da Igreja em Genebra observa que:

Calvino nascera para escrever, escreveu desde mocinho, escreveu doente, escreveu em meio às mais acirradas lutas, escreveu no leito, ditando aos seus secretários, escreveu até altas horas da noite, mesmo enfermo e, segundo testemunho do seu primeiro biógrafo, Theodoro Beza, escreveu até oito horas antes da sua morte.

Esta entrega de Calvino a causa protestante é impressionante. Sobre a sua habilidade com a escrita Philip E. Hughes (1983, p. 42-43) observa que em Calvino, as qualidades de um grande escritor foram misturadas em seu grau mais elevado, como: economia de linguagem, clareza de estilo, vigor de expressão, imaginação e honestidade.

E acrescenta que ele não foi um autor cuja atividade literária aconteceu na solidão silenciosa de um claustro ou na academia, com o seu descanso diário ininterrupto para a meditação. A volumosa produção escrita que fluía de sua pena, foi produzida em meio a pressão quase irresistível de muitas outras demandas do seu tempo e energia, para não mencionar as inúmeras doenças que muitas vezes agredia sua frágil estrutura física. Nestas circunstâncias, escreveu tossindo para Farel em fevereiro de 1550, queixando-se da perda de uma grande quantidade de tempo que poderia ter sido utilizado em diversos estudos e que perdeu com a doença.

Não devemos esquecer que, escrever não era a única atribuição de Calvino. Philip R. Johnson (2010, p.119) observa que ele também era pastor, professor de teologia e conselheiro dos administradores da cidade de Genebra. E todas essas atividades consumiam boa parte do seu tempo.

Com Lutero não foi diferente, Febvre e Martin (2002, p. 376) enfatizam que desde que os prelos alemães dedicaram-se a venda de textos dos reformadores, tudo girava em torno de Lutero. Enquanto seus adversários quase não vendiam o que produziam, Lutero por sua vez, fazia a fortuna dos seus impressores, que imprimiam os seus escritos quer por convicção ou por interesses comerciais.

O impacto da Bíblia e dos escritos dos reformadores foi tal que o impressor Hans Lufft além de publicar, entre os anos 1534 e 1574, 37 edições do Antigo Testamento teria vendido com toda certeza 100.000 exemplares da Bíblia (FEBVRE, MARTIN, p. 379).

A cadeia que se formou em volta dos livros dos reformadores no século XV foi tão grande que Svend Dahl (1982, p. 141) acrescenta que os vendedores ambulantes experimentaram um crescimento jamais visto nos seus negócios. Toda a Alemanha se viu inundada por eles, que vendiam o seu produto na cidade, no campo e nas feiras em grandes quantidades.

De um dos folhetos de Lutero vendeu-se 4000 exemplares em cinco dias das 100 edições do Novo Testamento publicadas entre os anos de 1519 e 1534, foram vendidas um total de 20.000 exemplares (DAHL, p.141).

Observa-se que os reformadores procuraram imprimir e divulgar o seu objeto por excelência, a Bíblia e posteriormente as suas obras. A quantidade de impressões e circulação destas obras no século XVI, é um fator importante para a contribuição e popularização do livro impresso.

CAPÍTULO 3

OS REFORMADORES E A IMPRENSA TIPOGRÁFICA

Após demonstrar as transformações pelas quais o livro passou através dos séculos e de abordar como a Reforma Protestante, a educação e a imprensa tipográfica se relacionaram; procura-se a partir deste ponto abordar como os reformadores contribuíram com a popularização da nova técnica de impressão e seu objeto principal: o livro impresso.

A Reforma Protestante foi muito beneficiada pela imprensa tipográfica imprimindo e disseminando os textos reformados por toda a Europa. Por outro lado, a Reforma Protestante contribuiu decisivamente para a proliferação do livro impresso, assim como a expansão da indústria tipográfica.

O impacto da imprensa tipográfica na divulgação da Reforma Protestante tem sido estudado por diversos estudiosos, mas poucos estudos enfatizam o impacto da Reforma Protestante na disseminação da imprensa tipográfica e em especial o seu objeto, o livro impresso. Acredito que a relevância desta pesquisa reside principalmente na resposta a pergunta: Como a Reforma Protestante contribuiu com a difusão da tipografia e seu objeto, o livro impresso?

A resposta a esta pergunta aponta sem dúvida para a produção dos reformadores, e em especial aos trabalhos literários de Lutero e João Calvino. O levantamento das inúmeras edições, das tiragens e as inúmeras traduções, destes reformadores é um ponto importantíssimo para medir a utilização por parte deles da imprensa como elemento divulgador dos seus escritos.

Por exemplo, a própria Bíblia que Lutero traduziu fora um sucesso de venda, não obstante a todo o trabalho que teve. O rascunho da tradução do Novo Testamento ficou pronto em onze semanas, enquanto que o Antigo Testamento

levou doze anos. Ele trabalhou com uma variedade de textos em hebraico e como não dominava o hebraico como o grego, levou mais tempo.

Lutero exerceu uma influência sem precedentes na língua alemã, mesmo depois da sua morte, como argumenta Charles Atangana Nama (1998, p. 62),

Com sua tradução da Bíblia, Lutero ajudou a promover o enriquecimento e a padronização do léxico alemão, e o desenvolvimento de uma sintaxe equilibrada, com o emprego de meios formais, tais como a posição dos verbos e das conjunções, assim como o uso da inicial maiúscula nos substantivos. Sua contribuição principal, porém, foi no campo estilístico. A clareza, a boa compreensão, a simplicidade e a vivacidade são as características mais importantes do estilo usado na tradução da Bíblia, que ainda hoje serve de modelo para boa escrita.

Asa Briggs e Peter Burke (2006 p.83) cientes do que representa a Bíblia de Lutero julgam que “para o desenvolvimento do protestantismo a longo prazo, a tradução da Bíblia de Lutero foi ainda mais importante do que seus panfletos”,

Fato interessante é que procurou compreender assuntos que não lhe era familiar. Stephen M. Miller e Robert V. Huber (2006, 166-167), informam que: “Quando estava traduzindo os textos que descreviam os sacrifícios no Templo, ele pediu que o açougueiro da cidade abrisse uma ovelha para que ele pudesse estudar as diferentes partes do animal.”

Carter Lindeberg (2001, p.51) traz informações importantes sobre a quantidade de impressão da Bíblia de Lutero. “Por ocasião da morte de Lutero, em 1546, haviam aparecido mais de 3400 edições integrais ou parciais da Bíblia em alto-alemão e cerca de 430 edições em baixo-alemão”. A seguir o autor calcula que neste período vieram a público cerca de 750 mil exemplares da primeira versão e 1 milhão de exemplares ao todo.

Devido ao grande sucesso que foi a Bíblia de Lutero começaram a surgir traduções em diversos países europeus. Na Holanda a tradução mais popular foi publicada por Jacob van Liesvelt em 1526. Na Dinamarca dois anos após a

publicação do Novo Testamento de Lutero, uma versão dinamarquesa foi feita a pedido do Rei exilado Cristiano I, em 1550 uma Bíblia completa foi publicada a mando do Rei Cristiano II e posteriormente revisada em 1589 e 1633.

A primeira Bíblia completa da Suécia foi publicada em 1541. Na Islândia em 1584. E a Bíblia foi traduzida para boa parte dos países europeus: Em 1563 na Polônia, em 1562-63 um Novo Testamento sérvio-croata, em 1584 em esloveno, em 1541 foi traduzido o Novo Testamento em húngaro e em 1590 toda a Bíblia; o Novo Testamento em português foi publicado em 1681, e a Bíblia completa em 1748-53.

A Bíblia completa em italiano foi publicada por Giovanni Diodati, estudioso do grego e do hebraico, em 1607 na cidade de Genebra. Na França uma tradução do Novo Testamento feita pelo reformador Jacques LeFèvre d'Étaples em Paris em 1523. Um Antigo Testamento apareceu em Antuérpia em 1528, a Bíblia Antuérpia surgiu em 1530.

A Bíblia francesa verdadeiramente protestante foi preparada por Pierre Robert (Olivétan) e publicada em 1535. Foi revisada por Calvino em 1546, e posteriormente pelo impressor Robert Estienne em 1553.

Mas, não somente Bíblias eram impressas, a impressão dos escritos de Lutero modificaram a vida econômica de Wittenberg. Em 1517, essa pequena cidade universitária contava apenas com uma pequena oficina tipográfica. Após alguns anos, as oficinas de impressão cresceram a tal ponto na cidade que figurava entre os seis ou sete primeiros centros tipográficos alemães.

Algo semelhante ocorreu também em Genebra. Após a chegada de Calvino a cidade então com 12.000 recebe cada vez mais impressores que lucram com a venda de livros dos reformadores não somente em Genebra, mas também na França e nos países vizinhos. Afinal, com um mercado crescente, imprimir livros dos reformadores em Genebra era certeza de lucro (GILMONT, p. 50). Observa Hill (2003, p. 32), que durante algum tempo “a principal mercadoria de

exportação de Genebra foram os livros, a maioria escrita por refugiados religiosos, que assim pagaram caro por sua aceitação”.

A Reforma e os escritos dos reformadores tiveram um impacto sem precedentes na vida do povo de Genebra, comentando este aspecto observa Emmanuel Le Roy Ladurie (1999, p. 186)

Aumentavam as casas, dividiam-nas, construía novas. Na ausência do clero católico, os pastores casavam e batizavam à larga. A Reforma incitava as autoridades locais a criar corporações de artesãos no estilo alemânico e a instituir o controle do trigo, num meio urbano que até então preconizara certa liberdade manufatureira e frumental, à lionesa. O Desenvolvimento da tipografia, graças à propaganda huguenote, foi considerável. Os livros de Calvino eram inspiradores best-sellers. A produção de fios de ouro e a fabricação de sedas e de relógios conheceram um primeiro desenvolvimento ou simples início nas mãos de qualificados artesãos.

Todos estes fatores demonstram que Genebra é o exemplo de como a Reforma Protestante transformou a vida de uma cidade provinciana do século XVI. Com o crescimento e influência da população protestante observa-se desenvolvimento sem precedentes no aspecto econômico e organizacional, além do espiritual, influenciado particularmente pela proliferação das obras de Calvino.

O crescimento e a consolidação da Reforma por toda a Europa acabam produzindo uma demanda de livros de uso corrente como: Bíblias, catecismos, salmos e livros litúrgicos. Os impressores lucravam com as impressões destas obras, mas lucravam também com tratados teológicos e com obras de debates teológicos entre protestantes e católicos, e entre os próprios protestantes.

Como já exposto anteriormente, Calvino foi um dos reformadores que teve uma vasta produção literária. Os seus escritos estão reunidos em 59 dos 101 volumes do Corpus Reformatum, além de existirem 2000 de seus sermões (CAIRNS, 2005). Entretanto Robert Reymond citado por Phillip R. Johnson (2010, p. 119) argumenta que “esses volumes não exaurem a obra literária de

Calvino. Doze volumes adicionais, sob o título *Supplementa Calviniana* [...] estão disponíveis”. E Johnson (2010, p. 119) conclui:

Desde a publicação inicial da primeira edição das *Institutas* até a morte de Calvino, em 1564, passaram-se 28 anos e dois meses. Assim, aqueles 71 volumes enciclopédicos publicados dos escritos de Calvino foram escritos ao ritmo de dois e meio volumes por ano – isto é igual a duas grandes obras do tamanho das *Institutas* (em sua enorme edição final).

Calvino prefaciou as *Institutas* com uma carta dirigida ao rei francês. Essa carta é uma das principais obras literárias do tempo da Reforma. Cortês e digno é uma apresentação tremendamente poderosa da posição protestante e uma defesa contra as calúnias do rei. Até então nenhum protestante falara com tanta clareza, controle e vigor. (Walker, Williston, 1981, p. 71).

Segundo McGrath (2004, p.161), Calvino ao realizar a primeira edição das *Institutas*, se inspirou no Catecismo Menor de Lutero. Com 516 páginas, inclui 6 capítulos, os quatro primeiros são inspirados no catecismo de Lutero.

A segunda edição é realizada em Estrasburgo em 1539. Publicada também em latim, representava o tripulo da edição de 1536. Possuindo dezessete capítulos, ao invés de seis.

A edição em francês publicada em 1541, parece não ser uma tradução, e sim uma versão nesta língua (McGRATH, p. 162). Esta por sua vez é considerada uma obra mestra da literatura em seu idioma (GONZALEZ, 2003, p.111).

A partir desse momento, as edições surgiram em pares, uma latina seguida da sua versão francesa como segue: 1543 e 1545, 1550 e 1551, 1559 e 1560 foram as últimas produzidas durante a vida de Calvino, e elas são o texto definitivo das *institutas*.

De um pequeno texto com seis capítulos e 85.000 palavras na primeira edição de 1536, as *Institutas* transformaram-se em quatro livros com um total de

oitenta capítulos e 450.000 palavras (GILMONT, p.293,295), transformando este documentos em um dos mais conhecidos no mundo.

Antes do ano de 1600, as Institutas já haviam sido traduzidas para as principais línguas daquele período. Em 1557 para o italiano, 1560 para o holandês, 1561 para o inglês, 1572 para o alemão e 1597 para o espanhol.

E quanto mais as Institutas eram impressas, mais produtos a respeito dela eram lançados na praça como, por exemplo: resumos, guias de estudo, sumários além de diagramas e fluxogramas visando facilitar a sua leitura. Todos estes ingredientes comprovavam que as Institutas era um sucesso de venda comercial.

Este sucesso se deve na realidade a influência que ela teve na vida das pessoas ao longo dos séculos. Esta obra é tão importante para a história do protestantismo reformado, que ainda é impressa, vendida e estudada até hoje nos seminários e igrejas derivadas da Reforma Protestante.

A seguir quadro ilustrativo demonstrando as edições das Institutas no período que compreende a primeira edição até a última com Calvino ainda em vida.

Quadro comparativo das edições das Institutas da Religião Cristã, até a morte de João Calvino.

Data	Lugar de Publicação	Editor	Língua	Número de palavras
1536	Basiléia	Platter e Lasius	Latim	85.000
1539	Estrasburgo	Vendelin Rihel	Latim	200.000
1541	Genebra	Michel Du Bois	Francês	-
1543	Estrasburgo	Vendelin Rihel	Latim	250.000
1545	Genebra	Jean Gérard	Francês	-
1550	Genebra	Jean Gérard	Latim	275.000
1551	Genebra	Jean Gérard	Francês	-

1553	Genebra	Robert Estienne	Latim	-
1554	Genebra	Adam e Jean Rivery	Latim	-
1554	Genebra	Philibert Hamelin	Francês	-
1557	Genebra	Jaquy, Davodeau...	Francês	-
1557	Genebra	Bougeois, Davodeau...	Italiano	-
1559	Genebra	Robert Estienne	Latim	450.000
1560	Genebra	Jean Crespin	Francês	-

Fonte: Os dados desta tabela estão baseados nas informações de McGRATH (2004, p. 165-166) e GILMONT (2005, p.293-295).

Fato impressionante é que antes da morte de Calvino as Institutas tiveram 14 edições. Entretanto não obstante a quantidade de ampliações pelas quais passou, ainda assim sua teologia não foi alterada. Continuou a mesma, como da primeira edição.

A história das Institutas de Calvino é um bom exemplo de como se dava a produção, impressão e disseminação de um livro protestante no século XVI. A abrangência dos seus temas e a consistência das informações foram também fatores determinantes para alcançar o sucesso de venda.

Ao argumentar-se que a Reforma contribuiu em larga escala para a difusão livreira no século XVI, enfatiza-se que esta contribuição derivava do fato que o princípio do “livre exame”, claramente defendido pelos reformadores, era um impulsionador natural para o desenvolvimento e apropriação da leitura entre os protestantes no século XVI.

Por séculos a fio a leitura e interpretação da Bíblia ficaram a cargo da autorização oficial da Igreja. Só ela detinha o poder de consulta e interpretação do livro sagrado. Quando eclodiu a Reforma, o princípio do livre exame, que já

permeava naquele tempo a mente de alguns humanistas, se firmou quando os reformadores o defenderam.

Possivelmente foi este princípio que motivou os reformadores para traduzir a Bíblia na língua do povo. O fator de cada um ter a oportunidade de ler a Bíblia em sua própria língua possibilitou o seu acesso a um público que até então, não tinha como usufruir dos benefícios da sua leitura, por não ter acesso ao conhecimento das línguas originais nas quais ela fora escrita.

Esta foi uma das maiores contribuições da Reforma para a vida das pessoas naquele tempo. Onde a Reforma Protestante alcançou sempre houve a preocupação em colocar a Bíblia na língua do povo. Foi o que aconteceu com o povo inglês. Christopher Hill (2003, p.32) reconhece este fato quando argumenta que “A disponibilidade da Bíblia em inglês foi um grande estímulo ao aprendizado da leitura; e por sua vez assistiu ao desenvolvimento de publicações baratas e distribuição de livros.” Neste particular a imprensa tipográfica contribuiu de forma decisiva.

Entretanto o analfabetismo generalizado da população no século XVI era um problema a ser combatido. Não bastava colocar a Bíblia na mão do povo, pois na sua grande maioria não sabiam ler. Era necessário também dar-lhes condições para a apropriação da sua leitura. Como os reformadores e seus sucessores então enfrentaram este problema?

Para responder esta pergunta Ana Benavente (1996 p. 401) ao comentar o problema do analfabetismo em Portugal argumenta:

Historicamente, em Portugal, como noutros países da Europa do Sul, a difusão social da alfabetização foi muito tardia comparativamente com as sociedades da reforma protestante, da primeira industrialização e do desenvolvimento da economia capitalista.

O autor estabelece algo interessante. A forma como foi trabalhado o problema da alfabetização pelos países da Europa do Sul, foi diferente da adotada nos países do Norte, tradicionalmente onde a Reforma Protestante mais prosperou. Nesses países o analfabetismo em sua grande maioria foi erradicado.

Porém, qual seria a explicação plausível para as diferenças na evolução da alfabetização entre os países protestantes e católicos da Europa? Esta é uma pergunta que sem dúvida deve nos remeter aos processos de alfabetização adotados nos referidos países. Em linhas gerais podemos identificar os países da Europa do Norte, protestante alfabetizado, e os da Europa do Sul, católico analfabeto, Antonio Viñao Frago (2002, p. 51ss).

Pergunta-se novamente, como os reformadores e seus sucessores enfrentaram o problema do analfabetismo do século XVI? E, Qual a explicação plausível para as diferenças na evolução da alfabetização entre os países protestantes e católicos da Europa?

Não basta publicar livros, não basta imprimir Bíblias. É necessário que aqueles que patrocinam programas culturais, tenham condições de colocar o produto destes programas, como por exemplo, o livro, ao alcance daqueles que necessitam.

Em segundo lugar que os mesmos que são alcançados com estes produtos tenham condições de usufruir dos benefícios que estes trazem. As respostas a estas indagações os reformadores procuraram dar. Quando lemos a história do século XVI percebemos que os reformadores e seus sucessores procuraram colocar o livro, inclusive a Bíblia, nas mãos das pessoas.

Percebe-se isto claramente em Lutero e Calvino. Eles não se pouparam em produzir literatura procurando com competência, suprir as necessidades que a Igreja Reformada demandava.

Lutero por exemplo, no auge das polêmicas com os líderes da Igreja da época, produzia um livro a cada quinze dias. A sua produção é vasta. A coleção das

suas obras foi traduzida para a língua inglesa e publicadas pela Fortress Press. A edição de 1986, alcançam a quantia de 55 volumes com média de 500 páginas por volume. (veja o anexo 2, p. 73).

Calvino não foi diferente. As suas constantes enfermidades denunciavam a fragilidade da sua saúde. E ainda assim estes eram seus anos mais prolíficos onde ele publicava meio milhão de palavras. Isto é impressionante, levando em consideração que esta não era a sua única atividade. Além de escrever ele pregava, aconselhava e ensinava teologia.

A produção de Calvino também é vastíssima. Ela está reunida na coleção *Corpus Reformatorum*. Na edição de 1863 publicada pela C.A. Schwetschke e reimpressa em 1990 por Schmidt Periodicals GmbH na Alemanha, são 59 volumes com média de 700 páginas cada um. (veja o anexo 1, p. 67)

Além de escrever os reformadores se preocupavam em combater o analfabetismo da época. Os esforços dos dois reformadores em construir escolas, providenciar ensino com qualidade para todos, é a prova mais evidente de que eles estavam engajados em patrocinar a alfabetização das massas.

Percebe-se então que desde as suas origens, o protestantismo se preocupou em colocar a Bíblia na mão do povo, mas ao mesmo tempo preocupou-se em preparar este novo adepto.

Claramente é percebido este envolvimento do Protestantismo com a educação, percebe-se também que não foi um envolvimento que ficou restrito ao século XVI, mas se estendeu nos seguintes, como estabelece Chartier (2009, p. 135):

Assim foi na América dos séculos XVII e XVIII, caso extremo da prática protestante do livro. A leitura e a fé aí estão ligadas indissociavelmente, definindo uma cultura inteira baseada na familiaridade com o texto bíblico. Este é ouvido antes de ser lido, pois frequentemente o pai o lê em voz alta para a família ou o criado o lê para os patrões. [...] Portanto, nessa cultura saber ler

é natural, pois quando a criança se depara com a escrita reconhece de imediato textos já ouvidos, memorizados, muitas vezes até decorados.

A ênfase da leitura da Bíblia, talvez esta seja a marca mais impressionante do Protestantismo histórico através dos séculos. Foi o que ocorreu com Joseph T. Buckingham, editor do primeiro jornal de Boston, em suas memórias publicadas em 1852. Citado por Chartier (2009, p.135) ele declara:

Não tenho lembranças de uma época em que não sabia ler. Em dezembro de 1784, quando completei cinco anos, fui à escola; o professor perguntou-me então se sabia ler, e respondi que sabia ler a Bíblia. O professor sentou-me em sua cadeira e apresentou-me uma Bíblia aberta no capítulo quinto dos Atos. Li a história de Ananias e Safira, castigados porque mentiram. Ele me acarinhou a cabeça e elogiou-me pela leitura.

Quando se estuda, particularmente a história do protestantismo, percebe-se que ele privilegia a leitura dos textos bíblicos sem intermediação reforçada pela convicção que o novo convertido deve assumir a responsabilidade de estudar a Bíblia. Ao proceder desta forma, o protestantismo constitui-se um poderoso estímulo à alfabetização e gosto pela leitura.

É o que podemos notar nos países do norte da Europa tradicionalmente protestantes, como Dinamarca, Alemanha, Holanda, Escócia, Suécia e Suíça, já em 1850, apresentavam taxas de analfabetismo inferiores a 30%. A Inglaterra aproximava-se também deste valor, com 33%. Nos países católicos o analfabetismo foi sempre muito mais elevado, existem melhores resultados em regiões onde a presença de protestantes era significativa como no Norte da França, Bélgica ou no norte da Irlanda.

Analisando por esta ótica pode-se asseverar que o aspecto do letramento é inerente ao protestantismo. Como ressalta Frago (2002, p. 31), quando se analisa os processos de alfabetização nos países que foram colonizados por protestantes, percebe-se que são sociedades em que a religião era baseada no

livro, na doutrina, na conversão, com estímulo à leitura pessoal e familiar da Bíblia.

Já nos países de origem católica, a doutrina, a conversão, foram enfatizadas pela imagem, pela comunicação oral, sermões, confissões, orações, ritos, símbolos e liturgia em detrimento do livro. Mesmos as ordens e congregações católicas, com penetração significativa no campo da educação elementar, não estimulavam a leitura popular da Bíblia.

A Espanha é o exemplo mais claro de um país católico onde havia sido proibida a impressão, circulação e leitura dos textos sagrados. Como consequência foi durante muito tempo um país bem abaixo dos índices de desenvolvimento, quando comparado com os países do norte, tradicionalmente colonizados por protestantes ou onde o protestantismo foi mais evidente que o catolicismo.

Não é possível ler estes resultados e não perceber a influência negativa do catolicismo. O fato de Portugal ter fronteiras apenas com a Espanha, contribuiu também para o seu isolamento em todos os sentidos, inclusive o educacional.

Este é um dos motivos que Portugal é outro exemplo desta inércia pela educação. Já em 1871, Antero de Quental se referia a esta inércia com a pergunta retórica: [...] como foi que o catolicismo nos anulou? E uma das suas respostas é que a inquisição foi um dos elementos que contribuiu para que Portugal estivesse naquela situação. Comentando o estrago que fez nos países onde foi implantada Fernando Báez (2006, p. 159) nos diz que

A inquisição foi uma das instituições judiciais de natureza religiosa mais severa criadas pelo ser humano para combater a dissidência e o pensamento heterodoxo. Sua atividade representou na Europa, e nos países onde atuou, um terrível período de censura, perseguição, tortura e destruição de vidas humanas e livros.

De todos os instrumentos de opressão a inquisição talvez foi o pior deles. Acredito que Báez (2006, p.160) tem razão quando afirma que foram “os êxitos sociais do protestantismo, e não suas proposições, que alarmaram o clero romano” fazendo que em 1542, o papa Paulo III estabelecesse a Sacra Congregatio Romanae Universalis Inquisitionis seu Sancti Officii (Congregação da Inquisição), também conhecido como Santo Ofício.

Continuando BAEZ ainda observa que:

É interessante observar que a inquisição medieval foi dura contra todas as heresias propensas a causar problemas políticos, enquanto o Santo Ofício se concentrou nos teólogos e sacerdotes, rastreando com espões e mercenários qualquer idéia suspeita.

Percebe-se que a inquisição foi um atraso na vida da Espanha e Portugal e suas colônias, fazendo com que ficassem aquém em muitos aspectos em relação aos países do norte da Europa.

Quando estuda-se os países do norte da Europa é impossível não ver os reflexos positivos do protestantismo, particularmente na educação. Neste aspecto o exemplo da Suécia é talvez o mais significativo. Este caso não serve apenas como exemplo, mas apresenta uma transição para a alfabetização de massa no mundo ocidental ricamente documentada.

No rastro da Reforma Protestante foram obtidos resultados surpreendentes e permanentes com níveis quase universais de alfabetização. Pelas pesquisas pioneiras de Egil Johansson, com a colaboração da Igreja Luterana e do Estado, desde o século XVIII a alfabetização(leitura) era exigida de todas as pessoas sob pena da lei. Como resultado, pode-se constatar que dentro de um século o povo sueco se tornou, talvez, no mais alfabetizado do Ocidente antes do século XVIII, Harvey J. Graff (1995, p. 47)

Voltemos a indagação inicial: Como a Reforma Protestante contribuiu na difusão da tipografia e aceitação do seu objeto principal, o livro impresso? A produção literária dos reformadores foi sem precedentes. Sempre que eles produziam e divulgavam as suas obras elas acabavam indiretamente contribuindo para a popularização do livro. E isto só foi possível porque boa parte das obras deles, acabaram tendo tiragens razoáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro manuscrito, uma das formas que o livro teve ao longo da sua trajetória, reinou absoluto. Este reinado perdurou da queda do Império Romano até o Renascimento, mas manifestou-se, sobretudo, em toda a Idade Média com a utilização do pergaminho e o emprego dos diversos tipos de letras e técnicas.

Este livro só foi suplantado pela imprensa de caracteres móveis no século XV, atribuída a Gutenberg, que mudou para sempre a comunicação entre as pessoas. Com a imprensa de caracteres móveis surge o livro impresso, que embora surge em uma pequena tipografia provinciana do século XV, reinou absoluto nos últimos 500 anos.

Paralelamente ao surgimento do livro impresso acontece a Reforma Protestante, liderada inicialmente pelo monge Martinho Lutero. Podemos perceber que a Reforma Protestante foi um fenômeno complexo, que incluiu fatores políticos, sociais e culturais. Todavia, o elemento principal foi religioso.

A imprensa e a Reforma foram temas preferidos de historiadores. E entre os historiadores existe um consenso de que a imprensa atuou como agente de transformações na sociedade europeia do século XV em diante, inclusive beneficiando a Reforma Protestante.

E para tal, o livro impresso, produto da tipografia do século XV, foi o instrumento por excelência, o veículo catalisador e divulgador da nova fé, a fé reformada. Com este novo produto as idéias reformadas atingiram uma audiência e influência nunca antes conhecida. É o que podemos observar com a publicação das Institutas de Calvino. Este livro, embora nascido em uma pequena oficina do século XVI, foi traduzido para as principais línguas da época, e ainda hoje tem influenciado tremendamente a vida das Igrejas Reformadas nos últimos séculos.

Entretanto, neste aspecto a tradução da Bíblia foi o poderoso instrumento utilizado pelos reformadores para impactar a vida das pessoas, pois até aquele

momento ela estava nas mãos de poucos, que detinham o poder e autorização para interpretá-la. Lutero por exemplo, teve uma participação significativa ao traduzir a Bíblia para a língua alemã. A participação de Calvino não é menos importante, ele participou da revisão da Bíblia em francês feita por seu primo Olivetanus, além de comentar quase todos os livros da Bíblia.

Mais do que debater idéias, os reformadores foram homens de ação. Lutero além de traduzir a Bíblia para o alemão é associado ao surgimento do sistema de ensino público que serviu de modelo para a origem da escola moderna no Ocidente. A idéia da escola pública e para todos, organizada em três grandes ciclos como conhecemos hoje (fundamental, médio e superior) nasceu do projeto educacional de Lutero. Foi dele também a idéia de que a educação deveria ser criada e mantida pelo estado e não mais pela Igreja, como tinha sido até aquele momento.

Ainda sobre a educação é com Calvino que nasceu a primeira escola primária, gratuita e obrigatória de toda a Europa. De sorte que os reformadores foram homens comprometidos não somente com o aspecto espiritual das pessoas, mas também com o social, cultura e político.

Ao patrocinar a tradução, impressão e distribuição de Bíblia, e insistir que os seus adeptos a lessem, a Reforma acabou patrocinando a alfabetização em massa.

A questão educacional é estritamente importante para o Protestantismo Reformado, pois acaba revelando um aspecto que é pouco conhecido da Reforma: a sua influência no modelo de educação, implantada em alguns países, como por exemplo, a que se verifica no Brasil.

Historicamente, como vimos no capítulo anterior, a alfabetização está intimamente ligada com o Protestantismo reformado. Entretanto, o que percebemos é que, mesmo num país como o Brasil, carente de interferências nesta área, as Igrejas descendentes da Reforma tem pouca participação, ou envolvimento em projetos relacionados com esta defasagem do nosso povo. E

para surpresa, quem mais participa junto ao governo em projetos de extinção do analfabetismo é justamente a Igreja Católica, que na época dos Reformadores era quem menos investia.

Claro que a educação é dever do estado. Não se questiona isto. Entretanto acredito que como herdeiras da Reforma, as Igrejas que se encaixam nesta categoria, poderiam e deveriam contribuir mais do que já o fazem, pois esta foi uma das marcas mais evidentes deixada pelos reformadores. Os reformadores procuraram colocar a Bíblia nas mãos das pessoas. Lutaram para que as pessoas tivessem ensino com qualidade, e quando o estado não proporcionava, eles mesmos se preocupavam em fazer.

Então a educação protestante, desde a alfabetização, procurou inserir as camadas populares neste projeto. Afinal, estava ali o vínculo de penetração do discurso nas camadas populares.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, J. **Lutero y el nacimiento del protestantismo**. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BENAVENTE, Ana (coord.). **A Literacia em Portugal**: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. São Paulo, **Estudos avançados**. v.16 n. 44, 2002. p. 173-185.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **As práticas da escrita**. In: CHARTIER, Roger (org.) História da vida privada: da renascença ao século das luzes. v.3 São Paulo: Companhia das Letras, 2009

_____. As revoluções da leitura no Ocidente In: Abre, Márcia (org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2000

CLAIR, Kate. BUSIC-SNYDER, Cynthia. **Manual de tipografia**: a história, a técnica e a arte. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. A Reforma calvinista e a educação: anotações introdutórias. São Paulo, **Fides Reformata**, v. 13, n. 2, 2008, p.25-48.

_____. A Reforma Protestante. In: **O Pensamento de João Calvino**. São Paulo: Mackenzie, 2000.

_____. **O Protestantismo e a Palavra Impressa no Brasil**. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/graduacao/est/diretor/o_protestantismo_e_a_palavra_impressa_no_brasil_01.pdf. Acesso em: 01/04/2012.

DAHL, Svend. **Historia del libro**. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

DIAZ-PLAJA, Guilherme.(org.) **O Livro ontem, hoje e amanhã**. Rio de Janeiro: Salvat, 1980. (Biblioteca Salvat de Grandes Temas)

EISENSTEIN, Elizabeth L. **A revolução da cultura impressa**: os primórdios da Europa moderna. São Paulo: Ática, 1998. (Múltiplas escritas)

FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2000.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: UNESP, 2006

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GILMONT, Jean-François. Reforma protestante e leitura. In CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. v. 2, São Paulo: Ática, 1999.

_____. **John Calvin and the printed book**. Kirksville: Truman State University, 2005.

GIOSEFFI, Maria Cristina. Livros, leitores, imaginários e preservação da cultura. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. v.II, n.9 abr./jun. 2004. Disponível em WWW. Acesso em: 02/01/2012.

GONZALEZ, Justo L. **E até aos confins da terra**: a era dos reformadores. São Paulo: Vida Nova, 2003. (Uma história ilustrada do Cristianismo, 6)

GRAFF, Harvey J. **Os labirintos da alfabetização**: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

HEITLINGER, Paulo. **Tipografia**: origens, formas e uso das letras. Lisboa: Dinalivro, 2006.

HILL, Christopher. **A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HUGHES, Philip E. **La pluma del profeta**. In: HOOGSTRA, Jacob T.(comp.) Juan Calvino profeta contemporâneo. Barcelona: CLIE, 1987.

JARDILINO, José Rubens L. **Lutero & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 (Pensamento & educação)

JEAN, Georges. **A escrita memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

JOHNSON, Phillip R. Escritor para o povo de Deus. In: PARSONS, Burk (ed.) **João Calvino**: amor à devoção, doutrina e glória de Deus. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010.

LABARRE, Albert. **História do livro**. São Paulo/Brasília: Cultrix/INL, 1981.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **O mendigo e o professor**: a saga da família Platter no século XVI. T. I, Rio de Janeiro: Rocco, 1999

LINDBERG, Carter. **Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LOPES, Augustus Nicodemus. **João Calvino e a universidade**. São Paulo, Fides Reformata. v. 14, n. 2, 2009. p. 129-136.

LYONS, Martyn; LEAHY, Cyana. **A palavra impressa**: história da leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed., São Paulo: Ática, 2002.

McGRATH, Alister. **Origens intelectuais da Reforma**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MILLER, Stephen M., HUBER, Robert V. **A Bíblia e a sua história**: o surgimento e o impacto da Bíblia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Paulinas. 1981, Vol. II, p. 27

MONROE, P. **História da Educação**. 14. Ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979.

MOTTA, Edson; SALGADO, Maria Luiza Guimarães. **O Papel**: problemas de conservação e restauração. Petrópolis: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1971.

NAMA, Charles Atangana et al. Os tradutores e o desenvolvimento das línguas nacionais In. DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os tradutores na história**. São Paulo: Ática, 1998 (Coleção Múltiplas Escritas)

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1997.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A fascinante história do livro: de Gutenberg aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. São Paulo: EdUSP/ Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PINHEIRO, Ana Virginia. Da sacralidade do pergaminho à essência inteligível do papel. In DOCTORS, Márcio (org). **A cultura do papel**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

REID, W. Stanford. A propagação do calvinismo no século XVI. In: REID, W. Stanford (ed.) **Calvino e sua influência no mundo ocidental**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

SAENGER, Paul. A leitura nos séculos finais da idade média. In CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. v. 1, São Paulo: Ática, 2002.

SATUÉ, Enric. **Aldo Manuzio: editor, tipógrafo, livreiro: o design do livro do passado, do presente e, talvez, do futuro**. Cotia: Atelier Editotial, 2004.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de; VIEIRA, Paulo Henrique. João Calvino (1509-1564) e a educação no século XVI. **Acta Sci. Human Soc. Sci.** Maringá, v. 28, n. 2, p. 191-199, 2006

VERGER, Jaques. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: EDUSC, 1999.

VIEIRA, Paulo Henrique. **Calvino e a educação: a configuração da pedagogia reformada no século XVI**. São Paulo: Mackenzie, 2008

WALKER, Williston. **História da igreja cristã**. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp. São Paulo: ASTE, 1981.

ANEXO 1

RELAÇÃO DAS OBRAS DE JOÃO CALVINO

Disponível no site: <http://www.calviniopera.org/>

IOANNIS CALVINI OPERA QUAE SUPERSUNT OMNIA

The online Calvin Opera is realized by The Korea Institute for Calvin Theological Studies ("KICTS") in Seoul, Korea in cooperation with the Institute for Reformation Research ("IVR") at the Theological University, Apeldoorn, The Netherlands, now offered with advanced functions (such as Original-English-Korean edition and Latin-English Dictionary and Search function and CO cols direct going).

Calvini Opera Database of IVR is a primary source publication. The complete works of John Calvin in the edition of the Corpus Reformationum have become a monumental tool in Reformation research. Since long this collection has only been available at the antiquarian market or in a reprint version. IVR has published this collection in a DVD and Online format. The publication in DVD is a combination of images and searchable text. This combination provides the opportunity to view the text as if you have the original CR-text in front of you, as well as to search this text by means of an advanced search program, making research in this important source convenient and stimulating. All 59 volumes, with a total of more than 22.000 pages are now easily accessible. This DVD is available at IVR. Visit the webshop or contact ctboerke@tua.nl.

Contact: Herman Selderhuis, Ph.D, General Editor

Access to the online Calvin Opera: free access to the online Calvin Opera with the kind permission of IVR and the heartfelt support of Korean churches.

Calvini Opera Contents

TOM. I.	Institutionis religionis christianae editio princeps 1-252 Eiusdem editiones inter primam et ultimam mediae, synoptice 253-1152
TOM. II.	Institutionis religionis christianae editio ultima IOANNES CALVINUS LECTORI. Institutionis religionis christianae editio ultima.
TOM. III.	Institution de la religion chrestienne.
TOM. IV.	Institution de la religion chrestienne.
TOM. V.	Senecae libri de Clementia cum commentario 1-162 Psychopannychia 165-232 Epistolae duae de rebus hoc saeculo cognitu necessariis 233-312 Catechismus Genevensis a. 1538 313-362 Sadoleti ep. ad Genevenses cum responsione 365-416 Epinicion Christo cantatum 417-428 Petit traicte de la s. Cene 429-460 Consilium paternum Pauli III. cum Eusebii Pamphili explicatione 461-508 Les Actes de la journee imperiale de Ratisbonne 509-684
TOM. VI.	Le Catechisme de Geneve (franc. & Iat.) 1-160

	<p>La forme des prieres et chants ecclesiastiques 161-210 Psalmes 211-224 Defensio doctrinae de servitute humani arbitrii contra A. Pighium 225-404 Advertissement sur les reliques 405-452 Supplex exhortatio ad Caesarem de restituenda ecclesia 453-534 Petit traicte monstrant que doit faire un homme fidele entre les papistes 537-588 Excuse a Messieurs les Nicodemites 589-614 Appendices ad libellos de vitandis superstitionibus 617-644</p>
TOM. VII.	<p>Articuli facultatis theol. Parisiensis. Cum Antidoto 1-44 Briefve instruction contre la secte des Anabaptistes 45-142 Contre la secte des Libertins 145-252 Admonitio Pauli III. ad Caesarem. Cum Scholiis 253-288 Pro Farello adv. Caroli calumnias 289-340 Epistre contre un cordelier de Rouen 341-364 Acta Synodi Tridentinae. Cum Antidoto 365-506 Advertissement contre l'astrologie judiciaire 509-544 Interim adultero-germanicum 545-674 Appendix libelli adv. Interim 675-686 Consensus Tigurinus 689-748</p>
TOM. VIII.	<p>De scandalis 1-84 Congregation sur l'election eternelle 85-140 Proces de Bolsec 141-248 De aeterna Dei praedestinatione 249-366 Quatre sermons traictans de matieres fort utiles pour nostre temps 369-452 Defensio doctrinae de trinitate 453-644 Serveti epistolae ad Calvinum 645-720 Proces de Servet 721-872</p>
TOM. IX.	<p>Defensio doctrinae de sacramentis 1-40 Secunda defensio contra Westphalum 41-120 Reformation pour imposer silence a Cathelan 121-136 Ultima admonitio ad Westphalum 137-252 Responsio ad calumnias nebulonis de praedestinatione 253-266 Calumniae nebulonis de occulta providentia Dei cum responsione 269-318 Responsum ad quaestiones Blandratae 321-332 Responsum ad Polonos contra Stancari errores 333-342 Responsio ad Polonos de controversia mediatoris 345-358 Impietas Val. Gentilis detecta 361-420 Gratulatio ad Gabr. de Saconay 421-456 Dilucida explicatio de participatione carnis et sanguinis 457-524 Responsio ad versipellem mediatorem 525-560 Responsio ad Balduini convicia 561-580 Response a un Hollandois 581-628 Brevis admonitio ad Polonos de triplici essentia in Deo 629-650 Responsio ad Iudaeum 653-674 Compendium doctrinae de coena 677-688 Confessiones 689-778 ---Confession de foy de Geneve 693 ---Articles de Lausanne 701 ---Confessio de trinitate 703</p>

	<p>---Confessio de eucharistia 711 ---Articuli de praedestinatione 713 ---Au Roy 715 ---Confession des escoliers 721 ---Confession des eglises de France 731 ---Confession a presenter a l'Empereur 753 ---Summa doctrinae de ministerio verbi 773 Praefationes 781-866 ---In Chemini Antapoiogiam 785 ---Bibliorum Neocomensium 787 ---des Bibles de Geneve 823 ---in Chrysostomi homilias 831 ---des Lettres de Farel a Caroli 839 ---apologetica in Institutionem 841 ---de la Somme de Melanchthon 847 ---in Buceri Acta Ratisbonensia 851 ---in libellum de Spiera 855 ---in Bezae librum contra Balduinum 859 ---des Disputations de Viret 863 Orationes 869-894 ---Concio academica in univers. Parisiensi 873 et Tom. X. PARS II. 30-36 ---Discours au colloque de Lausanne 877 ---Adieux aux membres du Petit Conseil 887 ---Adieux aux ministres 891</p>
TOM. X-1.	<p>PARS I Ordonnances ecclesiastiques 1-64 L'ordre du College de Geneve 65-146 Consilia 153-266 Apologia Iacobi de Burgundia Fallesii 269-294</p>
TOM. X-2.	PARS II Thesauri epistolici VOL. I Epistolae annorum 1528-1539
TOM. XI	Thesauri epistolici VOL. II. Epist, annorum 1540-1544
TOM. XII.	Thesauri epistolici VOL. III. Epist, annorum 1545-1548 Jun.
TOM. XIII.	Thesauri epistolici VOL. IV. Epist, annorum 1548 Jul.-1550
TOM. XIV.	Thesauri epistolici VOL. V. Epist, annorum 1551-1553
TOM. XV.	Thesauri epistolici VOL. VI Epist, annorum 1554-1555
TOM. XVI.	Thesauri epistolici VOL. VII. Epist, annorum 1556-1557
TOM. XVII.	Thesauri epistolici VOL. VIII. Epist, annorum 1558-1559
TOM. XVIII.	Thesauri epistolici VOL. IX. Epist, annorum 1560-1561 Sept.
TOM. XIX.	Thesauri epistolici VOL. X. Epist, annorum 1561 Oct.-1563 Apr.
TOM. XX.	<p>Thesauri epistolici VOL. XI Epist, annorum 1563 Mai-1564 Supplementum Thesauri epistolici 357-592 Addenda et corrigenda 593-622 Index autorum 629-662 Index epistolarum 663-740 Concordantiae editionum Bezae cum nostra 741-756</p>

TOM. XXI.	Vie de Calvin par Theodore de Beze 1-50 Vie de Calvin par Nic. Colladon 51-118 Th. Bezae vita Calvinii 119-172 Epitaphia 173-178 Annales Calviniani 181-818
TOM. XXII.	Catechisme de Calvin de 1537 5-74 Confession de la foy laquelle les bourgeois de Geneve doyvent jurer 77-96 Institution puerile de la doctrine chrestienne 97-114 Indices in XXI priores tomos: Theologicus 125-230 Historicus 233-484 Vocum graecarum 485-510 Vocum hebraearum 511-514 Locorum S. S. passim allegatorum 515-642
TOM. XXIII.	Commentarius in Genesin 1-622 Trois sermons sur l'histoire de Melchisedec 641-682 Quatre serions sur la justification 683-740 Trois sermons sur le sacrifice d'Abraham 741-784
TOM. XXIV.	Commentarius in Mosis reliquos quatuor libros. PARS I
TOM. XXV.	Commentarius in Mosis reliquos quatuor libros. PARS II 1-416 Commentarius in lib. Iosue 417-570 Sermons sur le Deuteronomie. PARS I. Chap. 1 573-722
TOM. XXVI.	Sermons sur le Deuteronomie. PARS II. Chap. 2-9
TOM. XXVII.	Sermons sur le Deuteronomie. PARS III. Chap. 10-21
TOM. XXVIII.	Sermons sur le Deuteronomie. PARS IV. Chap. 22-32
TOM. XXIX.	Sermons sur le Deuteronomie. PARS V. Chap. 32-34. 1-232 Homiliae in lib. I. Samuelis. PARS I. Cap. 1-12. 233-738
TOM. XXX.	Homiliae in lib. I. Samuelis. PARS II Cap. 13-31.
TOM. XXXI.	Commentarius in lib. Psalmorum. PARS I. Ps. 1-90.
TOM. XXXII.	Commentarius in lib. Psalmorum. PARS II Ps. 91-150. 1-442 Sermons sur les Psaumes CXV et CXXIV 455-480 Sermons sur le Psaume CXIX 481-752
TOM. XXXIII.	Sermons sur le livre de Job. PARS I Chap. 1-14.
TOM. XXXIV.	Sermons sur le livre de Job. PARS II Chap. 15-31.
TOM. XXXV.	Sermons sur le livre de Job. PARS III. Chap. 32-42. 1-514 Sermons sur le Cantique d'Ezechias 517-580 Sermons sur le 53. Chap. d'Tsaie 581-688

TOM. XXXVI.	Commentarius in lib. Isaiae. PARS I. Cap. 1-39.
TOM. XXXVII.	Commentarius in lib. Isaiae. PARS II Cap. 40-66. 1-455 Praellectiones in lib. Ieremiae. PARS I. Cap. 1-7. 469-706
TOM. XXXVIII.	Praellectiones in lib. Ieremiae. PARS II. Cap. 8-31.
TOM. XXXIX.	Praeiect. in lib. Ieremiae. PARS III. Cap. 32-52. 1-504 Praellectiones in Lamentationes Ieremiae 505-646
TOM. XL.	Praellectiones in Ezechielis viginti capita priora 1-516 Praellectiones in Danielelem. PARS I. Cap. 1-5. 517-722
TOM. XLI.	Praellectiones in Danielelem. PARS II. Cap. 6-12. 1-304 Sermons sur les huit derniers chapitres de Daniel. PARS I Serm 1-33. 305-688
TOM. XLII.	Sermons sur les huit derniers chapitres de Daniel. PARS II Serm. 34-47. 1-174 Praellectiones in XII prophetas minores. PARS I Hosea, Ioel 177-600
TOM. XLIII.	Praellectiones in XII prophetas minores. PARS II Amos, Obadias, Ionas, Michaeas, Nahum, Habacuc.
TOM. XLIV.	Praellectiones in XII prophetas minores. PARS III. Sophonias, Haggaeus, Zacharias, Malachias.
TOM. XLV.	Commentarius in harmoniam evangelicam
TOM. XLVI.	Sermons sur l'harmonie evangelique 1-826 Sermons de la passion 829-954 Sermon de la nativite de Christ 955-968
TOM. XLVII.	Commentarius in evangelium Ioannis 1-458 Congregation sur la divinite de Christ 461-484
TOM. XLVIII.	Commentarius in Acta apostolorum 1-574 Sermons de l'Ascension 585-622 Sermons de la Pentecoste 624-664
TOM. XLIX.	Commentarius in epistolam Pauli ad Romanos 1-292 Commentarius in epist. Pauli ad Corinthios I. 293-574 Sermons sur les chap. X et XI de la premiere epitre aux Corinthiens 577-830
TOM. L.	Commentarius in epist. Pauli ad Corinthios II. 1-156 Commentarius in epist. Pauli ad Galatas 157-268 Sermons sur l'epitre aux Galates. Serm. 1-33. 269-696
TOM. LI.	Sermons sur l'epitre aux Galates. Serm. 34-43. 1-136 Commentarius in epist. Pauli ad Ephesios 137-240 Sermons sur l'epitre aux Ephesiens 241-862
TOM. LII.	Commentarius in epist. Pauli ad Philippenses 1-76 Commentarius in epist. Pauli ad Colossenses 77-132 Comment, in epist. Pauli ad Thessalonicenses I, 133-180 Comment, in epist. Pauli ad Thessalonicenses II. 181-218 Sermon du dernier advenement de nostre Seigneur Iesus Christ 219-238 Commentarius in epist. Pauli ad Timotheum I. 241-336 Commentarius in epist. Pauli ad Timotheum II. 337-396 Commentarius in epist. Pauli ad Titum 397-436

	Commentarius in epist, ad Philemonem 437-450
TOM. LIII.	Sermons sur la premiere epitre a Timothee
TOM. LIV.	Sermons sur la seconde epitre a Timothee 1-370 Sermons sur l'epitre a Tite 373-596
TOM. LV.	Commentarius in epist, ad Hebraeos 1-198 Commentarius in epistolas catholicas: Epist. Petri I 205-292 Epist. Ioannis 293-376 Epist. Iacobi 377-436 Epist. Petri II. 437-480 Epist. Iudae 481-500 Commentaire sur l'epitre de Jude 501-516
TOM. LVI.	La Bible francaise de Calvin: Les cinq livres de Moise et le livre de Iosue 1-364 Le livre des Psaumes 365-504 Le livre de Job 505-574 Le livre du prophete Isaie 577-680 Le livre du prophete Osee 681-700
TOM. LVII.	La Bible francaise de Calvin: Les Evangiiies 1-288 Les Actes des Apotres 288-374 Les Epitres 377-624
TOM. LVIII.	Supplementum. Treze sermons traitans de l'election gratuite de Dieu en Jacob. . .Response a certaines calomnies 1-206
TOM. LIX.	Indices in XXIII.LV tomos: Nominum et rerum 1-226 Locorum S. S. passim allegatorum 229-362 Vocum hebraicarum 365-412 Vocum graecarum 413-432 Catalogi bibliographici: Operum Calvini secundum ordinem huius editionis. Operum Calvini chronologicus. Operum ad Calvinum spectantium : ordine systematico. ordine alphabetico autorum.

Anexo 2

Índice das Obras Seleccionadas de Martinho Lutero

Germano G. Streese

O índice surgiu por uma questão bem prática. Constantemente a Biblioteca da Faculdade EST é solicitada a procurar textos de Lutero publicados em português. Em algumas ocasiões os usuários sabem o nome do escrito, em outras lembram do volume das Obras Seleccionadas onde o texto poderia estar, mas na maioria das vezes não possuem uma informação precisa. Para encontrar a informação desejada era necessário percorrer volume por volume até encontrar o texto desejado. O presente trabalho que ser uma ferramenta para os estudiosos de Lutero encontrarem com mais facilidade os textos até agora publicados.

O índice é organizado da seguinte forma. Na primeira parte estão listados alfabeticamente por ordem de título os escritos de Lutero até hoje publicados nas Obras Seleccionadas. Ao final de cada título fornecemos a data em que foi publicado originalmente. A coluna OS permite a localização da tradução. Os números romanos indicam o volume das Obras Seleccionadas e os números após a vírgula determinam a página inicial e a página final do texto em questão. A coluna WA determina a localização (Edição de Weimar) do texto original que serviu de fonte para a tradução. O primeiro número refere-se ao volume e os números após a vírgula, determinam as páginas.

Na segunda parte os textos são apresentados segundo a ordem em que foram publicados nas Obras Seleccionadas até agora editados. A terceira parte apresenta os textos arranjados de acordo com a WA.

Para saber mais sobre o projeto das Obras Seleccionadas visite a página da Comissão Interluterana de Literatura.

Disponível em: http://www3.est.edu.br/biblioteca/indice_lutero.htm#WA.
Acesso em: 01/08/2012

I - TÍTULOS EM PORTUGUÊS

Título	OS	WA
A Epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos inicia (1515/1516)	VIII,237-330	56,3-514 [seleção]
À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão (1520)	II,277-340	6,404-469
A ordem do culto na comunidade (1523)	VII,65-70	12,35-37
A respeito do Papado em Roma contra o celeberrimo romanista de Leipzig (1520)	II,197-238	6,285-324
Acerca da questão, se também militares ocupam uma função bem-aventurada (1526)	VI,360-401	19,623-662
Adendo: Contra as hordas salteadoras e assassinas dos camponeses (1525)	VI,330-336	18,357-361
Advertência do Dr. Martinho Lutero a seus estimados alemães (1531)	VI,484-519	30/III,276-320
Agora pedimos ao Espírito Santo [Hino] (1526)	VII,527-528	35,447s
Alegrai-vos, caros cristãos [Hino] (1523)	VII,489-492	35,422ss
Ao digno e doutíssimo senhor Caspar Güttel, doutor e pregador em Eisleben, meu especial bom amigo em Cristo (1537)	IV,429-438	50,468-477
Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas (1524)	V,302-325	15,27-53
Aos pastores, para que preguem contra a usura (1540)	V,446-493	51,331-424
Apelação do Fr. Martinho Lutero ao Concílio (1518)	I,227-232	2,36-40
Apontamentos do Dr. M.[artinho] à Primeira epístola a Timóteo (1528)	IX,435-598	26,4-120
Assuntos matrimoniais (1530)	V,238-282	30/III,205-248
Breve forma dos Dez Mandamentos. Breve forma do Credo. Breve forma do Pai-Nosso (1520)	II,171-195	7,204-229
Breve Instrução sobre o que se deve procurar nos Evangelhos e o que esperar deles (1522)	VIII,167-176	10/I/1,8-18
Canção infantil a ser cantada contra os dois archi-inimigos de Cristo e de sua Santa Igreja (o papa, os turcos, etc.) [Hino] (1543)	VII,541-543	35,467s
Canção infantil para o Natal de Cristo [Hino] (1535)	VII,551-553	35,459ss
Carta aberta a respeito do rigoroso livrinho contra os camponeses (1525)	VI,340-359	18,384-401
Carta aberta aos burgomestres, conselho e toda a comunidade da cidade de Mühlhausen (1524)	VI,300-303	15,238-240
Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da	VIII,205-220	30/II,632-646

Intercessão dos Santos (1530)		
Carta aos príncipes da Saxônia sobre o espírito revoltoso (1524)	VI,284-299	15,210-221
Carta de Lutero a Leão X, sumo pontífice (1520)	II,425-433	7,42-49
Carta do Dr. Mart. Lutero sobre os intrusos e pregadores clandestinos (1532)	VII,114-124	30/III,518-527
Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero (1529)	VII,325-446	30/I,123-238
Catorze consolações (1520)	II,11-48	6,104-134
Com paz e alegria eu sigo [Hino] (1524)	VII,519-521	35,438s
Comentário de Lutero sobre a 13ª tese a respeito do poder do Papa (enriquecido pelo autor) (1519)	I,267-332	2,183-240
Comentários de Lutero sobre suas teses debatidas em Leipzig	I,333-384	2,391-435
Comércio e usura (1524)	V,374-428	15,293-313
Como instituir ministros na igreja (1523)	VII,81-113	12,169-196
Condenação doutrinal dos livros de Martinho Lutero, feita por alguns mestres nossos de Lovaina e Colônia. Resposta de Lutero a esta condenação (1520)	II,67-95	6,174-195
Considerações de Lutero sobre o sigilo de seu conselho confessional (1540)	V,291-292	Br 9,192 (3516)
Cristo estava preso nas amarras da morte [Hino] (1524)	VII,521-524	35,443ss
Da autoridade secular, até que ponto se lhe deve obediência (1523)	VI,79-114	11,245-280
Da guerra contra os turcos (1529)	VI,410-445	30/II,107-148
<i>Da pacem domine (Concede-nos a paz, Senhor - Alemão) [Hino] (1531)</i>	VII,540-541	35,458
Da Santa Ceia de Cristo – Confissão (1528)	IV,217-375	26,261-509
Da Vida matrimonial (1522)	V,160-183	10/II,275-304
Da vontade cativa (1525)	IV,11-216	18,600-787
Das boas obras (1520)	II,97-170	6,202-276
Debate acerca da justificação (1536)	III,201-239	39/I,82-126
Debate circular sobre Mt. 19.21 (1539)	VI,214-270	39/II,39-91
Debate do reverendo padre senhor Dr. Martinho Lutero sobre a divindade e a humanidade de Cristo (1540)	III,275-299	39/II,93-121
Debate do reverendo senhor Dr. Martinho Lutero acerca do homem (1536)	III,192-200	39/I,175-180
Debate e defesa do Fr. Martinho Lutero contra as acusações do Dr. João Eck (1519)	I,257-266	2,158-161
Debate para o esclarecimento do valor das indulgências (1517)	I,21-30	1,233-238

Debate sobre a teologia escolástica (1517)	I,13-20	1,224-228
Deus seja louvado e bendito [Hino] (1524)	VII,534-536	35,452s
Deus, o Pai, seja louvado [Hino] (1524)	VII,532-534	35,450
Devemos dar a Cristo belo louvor [Hino] (1523)	VII,517-519	35,431ss
Direito e autoridade de uma assembléia ou comunidade cristã de julgar toda doutrina, chamar, nomear e demitir pregadores - Fundamento e razão da Escritura(1523)	VII,25-36	11,408-416
Discurso do Dr. Martinho Lutero perante o Imperador Carlos e os príncipes na assembléia de Worms (1521)	VI,121-126	7,831,16-838,9
Diz a boca dos néscios [Hino] (1524)	VII,498-500	35,441ss
Do cativoiro babilônico da igreja (1520)	II,341-424	6,497-573
Dos concílios e da igreja (1539)	III,300-432	50,509-653
Em meio à vida, estamos envolvidos pela morte [Hino] (1524)	VII,505-508	35,453s
Enquirídio – Catecismo menor para os pastores e pregadores doutos (1529)	VII,447-470	30/I,264-339
Estatuto para uma caixa comunitária. Orientação sobre como lidar com o patrimônio eclesiástico (1523)	VII,37-64	12,11-30
Estes são os santos dez mandamentos [Hino] (1524)	VII,509-511	35,426ss
Exemplo de ordenação de um legítimo bispo cristão (1542)	VII,125-150	53,231-260
Exortação à oração contra os turcos (1541)	VI,446-466	51,585-625
Exortação à paz: resposta aos doze artigos do campesinato da Suábia (1525)	VI,304-329	18,291-334
Exortação ao sacramento do corpo e sangue de nosso Senhor (1530)	VII,222-254	30/II,595-626
Exortação do Dr. Martinho Lutero a todos os párocos à oração pela paz (1539)	VI,520-522	50,485-487
Explicações do debate sobre o valor das indulgências (1518)	I,55-190	1,525-628
Feliz aquele que teme a Deus [Hino] (1524)	VII,503-505	35,437s
Formulário da missa e da comunhão para a igreja de Wittenberg (1523)	VII,155-172	12,205-220
<i>Gloria in excelsis Deo (Toda a glória e louvor sejam de Deus) [Hino] (1537)</i>	VII,563-566	35,288
Hino <i>O lux beata</i> (Ó luz beata) [Hino] (1543)	VII,562-563	35,473
Hino sacro sobre nosso santo Batismo, de modo bem resumido o que ele é, quem o instituiu, qual seu proveito, etc. [Hino] (1541)	VII,559-561	35,468ss
Instrução dos visitantes aos párocos (1528)	VII,259-312	26,195-240
Instrução sobre como os Cristãos devem lidar com Moises (1525)	VIII,179-195	16,363-393

Jesus Cristo nosso Salvador, que venceu a morte [Hino] (1524)	VII,524-525	35,445
Jesus Cristo, nosso Salvador, que nos afastou da ira de Deus [Hino] (1524)	VII,511-513	35,435ss
Litania alemã [Hino] (1529)	VII,566-573	30/III,29-34
Louvado sejas, Jesus Cristo [Hino] (1524)	VII,513-515	35,434s
Lutero à Câmara de Danzig (1525)	VI,127-131	Br 3,483-486 (861)
Lutero ao Landgrave Filipe (1540)	V,292-296	Br 9,200-203 (3518)
Magnificat, O (1521)	VI,20-78	7,544-604
Manual para a bênção matrimonial para os pastores pouco letrados (1529)	V,283-286	30/III,74-80
Missa alemã e ordem do culto (1526)	VII,173-205	19,72-113
Modo de confessar-se (1520)	II,49-65	6,157-169
Nós cremos todos num só Deus [Hino] (1524)	VII,530-532	35,451s
Novo Prefácio ao profeta Ezequiel (1545)	VIII,54-60	DB 11/I,395-405
O capítulo 15 [da Primeira Carta] de S. Paulo aos Coríntios	IX,283-423	36,478-696
O debate de Heidelberg (1518)	I,35-54	1,353-365
O debate sobre a sentença: "O verbo se fez carne" (1539)	III,240-274	39/II,3-33
Ó Deus do céu, volta teu olhar [Hino] (1524)	VII,496-498	35,415ss
O hino <i>hostis Herodes</i> (Inimigo Herodes) segundo a melodia <i>A solis ortus, etc.</i> [Hino] (1541)	VII,555-556	35,470s
O manual do batismo traduzidos para o alemão revisado (1526)	VII,214-221	19,537-541
O Pai-Nosso – comentários a Mt 6.5-15 (1530-32)	V,116-131	32,413-427
O Pai-Nosso brevemente interpretado e musicado pelo Doutor Mart. Lutero [Hino] (1538 ou 1539)	VII,557-559	35,463ss
O salmo "Das profundezas" [Hino] (1523)	VII,493-495	35,419s
O Salmo 46. <i>Deus noster refugium et virtus</i> (Nosso Deus é refúgio e força) [Hino] (1528)	VII,536-538	35,455ss
O salmo <i>Deus misereatur nostri</i> (Deus se comisere de nós) [Hino] (1523)	VII,500-502	35,418s
O <i>Sanctus</i> alemão [Hino] (1526)	VII,538-540	35,455
O sétimo capítulo de S. Paulo aos Coríntios (1523)	V,184-229	12,92-142
O sublime louvor – salmo 118 (1530)	V,19-84	31/I,65-182
Os bordéis públicos não devem ser tolerados (1539)	V,287-290	Br 12,295-298 (4274)
Os pais não devem obrigar os filhos ao casamento, e os filhos não devem noivar sem o consentimento dos pais	V,230-237	15,163-169

(1524)		
Os sete Salmos de Penitência (1525)	VIII,495-548	18,479-530
Outro hino de Natal [Hino] (1543)	VII,554-555	35,471s
Por que os livros do Papa e de seus discípulos foram queimados pelo doutor Martinho Lutero (1520)	II,461-473	7,161-182
Posicionamento do Dr. Martinho Lutero sobre o livrinho "Contra os Camponeses Assaltantes e Assassinos" (1525)	VI,337-339	17/I,265-267
Prédicas semanais sobre Mateus 5-7 (Extrato Mt. 6.19-21 e 6.24 (1530/32)	V,429-445	32,436,38-445,21; 32,452,36-458,10
Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7 1530/32: O quinto, sexto e sétimo capítulos de S. Mateus pregados e explicados (1532)	IX,15-279	32,299-544
Prefácio a Atos dos Apóstolos (1546)	VIII,128-129	DB 6,415,417
Prefácio a Baruque (1545)	VIII,120	DB 12,291
Prefácio à Epístola de S. Paulo a Filemom (1546)	VIII,149	DB 7,293
Prefácio à Epístola de S. Paulo a Tito (1546)	VIII,149	DB 7,285
Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Colossenses (1546)	VIII,146	DB 7,225
Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Coríntios (1546)	VIII,141-143	DB 7,83,85,87
Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Efésios (1546)	VIII,145	DB 7,191
Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Filipenses (1546)	VIII,145	DB 7,211
Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Gálatas (1546)	VIII,144	DB 7,173
Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Romanos (1546)	VIII,129-141	DB 7,3-27
Prefácio à Espístola aos Hebreus (1546)	VIII,152-153	DB 7,345
Prefácio à Primeira Epístola de S. Paulo a Timóteo (1546)	VIII,147-148	DB 7,259
Prefácio à Primeira Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses (1546)	VIII,146-147	DB 7,239
Prefácio à Primeira Epístola de S. Pedro (1546)	VIII,150	DB 7,299
Prefácio à Sabedoria de Salomão (1545)	VIII,112-117	DB 12,49-55
Prefácio à Segunda Epístola aos Coríntios (1546)	VIII,143-144	DB 7,139
Prefácio à Segunda Epístola de S. Paulo a Timóteo (1546)	VIII,148	DB 7,273
Prefácio à Segunda Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses (1546)	VIII,147	DB 7,251
Prefácio à Segunda Epístola de S. Pedro (1546)	VIII,150-151	DB 7,315
Prefácio ao Antigo Testamento (1545)	VIII,21-32	DB 8,11-31
Prefácio ao Apocalipse de S. João (1546)	VIII,155-163	DB 7,407-421
Prefácio ao Livro de Jó (1545)	VIII,32-33	DB 10/I,5
Prefácio ao Livro de Judite (1545)	VIII,112-113	DB 12,5,7

Prefácio ao Livro de Tobias (1545)	VIII,117-118	DB 12,109,111
Prefácio ao Livro dos Salmos (1545)	VIII,33-37	DB 10/I,99-105
Prefácio ao Livro Jesus Siraque (1545)	VIII,118-120	DB 12,145-149
Prefácio ao Novo Testamento (1546)	VIII,124-127	DB 6,3-11
Prefácio ao Primeiro Livro dos Macabeus (1545)	VIII,120-122	DB 12,315,317
Prefácio ao Profeta Ageu (1545)	VIII,108-109	DB 11/II,321
Prefácio ao Profeta Amós (1545)	VIII,101-102	DB 11/II,227,229
Prefácio ao Profeta Daniel (1545)	VIII,61-98	DB 11/II,3-131
Prefácio ao Profeta Ezequiel (1545)	VIII,53-54	DB 11/I,393
Prefácio ao Profeta Isaías (1545)	VIII,46-50	DB 11/I,17-25
Prefácio ao Profeta Jeremias (1545)	VIII,50-52	DB 11/I,191-195
Prefácio ao Profeta Joel (1545)	VIII,100-101	DB 11/II,213,215
Prefácio ao Profeta Jonas (1545)	VIII,104	DB 11/II,259,261
Prefácio ao Profeta Malaquias (1545)	VIII,110-112	DB 11/II,363,365
Prefácio ao Profeta Miquéias (1545)	VIII,105	DB 11/II,271
Prefácio ao Profeta Naum (1545)	VIII,106	DB 11/II,289
Prefácio ao Profeta Obadias (1545)	VIII,102-103	DB 11/II,251,253
Prefácio ao Profeta Oséias (1545)	VIII,99-100	DB 11/II,183
Prefácio ao Profeta Sofonias (1545)	VIII,107-108	DB 11/II,311
Prefácio ao Profeta Zacarias (1545)	VIII,109-110	DB 11/II,329,331
Prefácio ao Segundo Livro dos Macabeus (1545)	VIII,122-123	DB 12,417,419
Prefácio aos Livros de Salomão (1545)	VIII,37-39	DB 10/II,7-11
Prefácio aos Profetas (1545)	VIII,39-46	DB 11/I,3-15
Prefácio às Epístolas de S. Tiago e Judas (1546)	VIII,153-155	DB 7,385,387
Prefácio às Partes de Ester e Daniel (1545)	VIII,123	DB 12,493
Prefácio às três Epístolas de S. João (1546)	VIII,151-152	DB 7,327
Prefácios aos hinários (1524, 1545, 1538)	VII,480-484	35,474s; 35,476s; 35,483s
Primeiro debate contra os antinomistas	IV,394-428	39/I,360-417
Refutação do parecer de Látomo (1521)	III,96-191	8,43-128
Relato do Fr. Martinho Lutero, Agostiniano, sobre o encontro com o Sr. Legado apostólico em Augsburg (1518)	I,199-226	2,6-26
Resposta a Ambrósio Catarino (1524)	III,11-95	7,705-778
Resumo da vida cristã conforme S. Paulo em 1. Timóteo 1 (1532)	V,85-109	36,352-375
Salmo 101 interpretado por Dr. Martinho Lutero (1534/35)	VI,138-213	51,200-264

Se Deus não estivesse conosco nesta época [Hino] (1524)	VII,502-503	35,440s
Seis séries de teses contra os antinomistas	IV,376-393	39/I,345-358
Sermão sobre a indulgência e a graça	I,31-34	1,243-246
Sermão sobre as duas espécies de justiça (1519)	I,241-248	2,145-152
Sermão sobre o poder da excomunhão (1518)	I,191-198	1,638-643
Sumários sobre os Salmos e Razões da Tradução (1531-1532)	VIII,223-233	38,9-18
<i>Te deum laudamus (Senhor, nós te louvamos) [Hino] (1529)</i>	VII,543-548	35,458s
Trabalhos do Frei Martinho Lutero nos Salmos apresentados aos Estudantes de Teologia em Wittenberg (1519-1521)	VIII,333-492	5,19-654
Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã (1520)	II,435-460	7,49-73
Um belo hino dos mártires de Cristo, queimados em Bruxelas pelos sofistas de Lovaina [Hino] (1523)	VII,485-489	35,411ss
Um conselho do Doutor Martinho Lutero se é permitido resistir com razão ao imperador se ele quer usar de violência contra alguém por causa do Evangelho (1530)	VI,132-137	Br 5,258-261 (1536)
Um hino da santa Igreja Cristã do cap. 12 do Apocalipse [Hino] (1535)	VII,549-551	35,462s
Um sermão a respeito do Novo Testamento, isto é, a respeito da santa missa (1520)	II,253-275	6,353-378
Um sermão sobre a contemplação do santo sofrimento de Cristo (1519)	I,249-256	2,136-142
Um sermão sobre a excomunhão (1520)	II,239-252	6,63-75
Um sermão sobre a preparação para a morte (1519)	I,385-398	2,685-697
Um sermão sobre o sacramento da penitência (1519)	I,401-412	2,714-723
Um sermão sobre o santo, venerabilíssimo sacramento do Batismo (1519)	I,413-424	2,727-737
Um sermão sobre o venerabilíssimo sacramento do santo verdadeiro corpo de Cristo e sobre as irmandades (1519)	I,425-444	2,742-758
Uma breve instrução sobre como devemos confessar-nos (1519)	I,233-240	2,59-65
Uma prédica para que se mandem os filhos à escola (1530)	V,326-363	30/II,517-588
Uma sincera exortação de Martinho Lutero a todos os cristãos para se precaverem de convulsão e rebeldia (1522)	VI,472-483	8,676-687
Uma singela forma de orar, para um bom amigo (1535)	V,132-148	38,358-373
Vem Deus criador, Espírito Santo [Hino] (1524)	VII,525-527	35,446s
Vem, ó Salvador dos gentios [Hino] (1524)	VII,516-517	35,430s
Vem, Santo Espírito, Senhor Deus [Hino] (1524)	VII,529-530	35,448s

II - VOLUMES - OBRAS SELECIONADAS

OS	Título	WA
I,13-20	Debate sobre a teologia escolástica (1517)	1,224-228
I,21-30	Debate para o esclarecimento do valor das indulgências (1517)	1,233-238
I,31-34	Sermão sobre a indulgência e a graça	1,243-246
I,35-54	O debate de Heidelberg (1518)	1,353-365
I,55-190	Explicações do debate sobre o valor das indulgências (1518)	1,525-628
I,191-198	Sermão sobre o poder da excomunhão (1518)	1,638-643
I,199-226	Relato do Fr. Martinho Lutero, Agostiniano, sobre o encontro com o Sr. Legado apostólico em Augsburg (1518)	2,6-26
I,227-232	Apelação do Fr. Martinho Lutero ao Concílio (1518)	2,36-40
I,233-240	Uma breve instrução sobre como devemos confessar-nos (1519)	2,59-65
I,241-248	Sermão sobre as duas espécies de justiça (1519)	2,145-152
I,249-256	Um sermão sobre a contemplação do santo sofrimento de Cristo (1519)	2,136-142
I,257-266	Debate e defesa do Fr. Martinho Lutero contra as acusações do Dr. João Eck (1519)	2,158-161
I,267-332	Comentário de Lutero sobre a 13ª tese a respeito do poder do Papa (enriquecido pelo autor) (1519)	2,183-240
I,333-384	Comentários de Lutero sobre suas teses debatidas em Leipzig	2,391-435
I,385-398	Um sermão sobre a preparação para a morte (1519)	2,685-697
I,401-412	Um sermão sobre o sacramento da penitência (1519)	2,714-723
I,413-424	Um sermão sobre o santo, venerabilíssimo sacramento do Batismo (1519)	2,727-737
I,425-444	Um sermão sobre o venerabilíssimo sacramento do santo verdadeiro corpo de Cristo e sobre as irmandades (1519)	2,742-758
II,11-48	Catorze consolações (1520)	6,104-134
II,49-65	Modo de confessar-se (1520)	6,157-169
II,67-95	Condenação doutrinal dos livros de Martinho Lutero, feita por alguns mestres nossos de Lovaina e Colônia. Resposta de Lutero a esta condenação (1520)	6,174-195
II,97-170	Das boas obras (1520)	6,202-276
II,171-195	Breve forma dos Dez Mandamentos. Breve forma do Credo. Breve forma do Pai-Nosso (1520)	7,204-229
II,197-238	A respeito do Papado em Roma contra o celeberrimo romanista de Leipzig (1520)	6,285-324

II,239-252	Um sermão sobre a excomunhão (1520)	6,63-75
II,253-275	Um sermão a respeito do Novo Testamento, isto é, a respeito da santa missa (1520)	6,353-378
II,277-340	À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão (1520)	6,404-469
II,341-424	Do cativo babilônico da igreja (1520)	6,497-573
II,425-433	Carta de Lutero a Leão X, sumo pontífice (1520)	7,42-49
II,435-460	Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã (1520)	7,49-73
II,461-473	Por que os livros do Papa e de seus discípulos foram queimados pelo doutor Martinho Lutero (1520)	7,161-182
III,11-95	Resposta a Ambrósio Catarino (1524)	7,705-778
III,96-191	Refutação do parecer de Látomo (1521)	8,43-128
III,192-200	Debata do reverendo senhor Dr. Martinho Lutero acerca do homem (1536)	39/I,175-180
III,201-239	Debata acerca da justificação (1536)	39/I,82-126
III,240-274	O debate sobre a sentença: "O verbo se fez carne" (1539)	39/II,3-33
III,275-299	Debata do reverendo padre senhor Dr. Martinho Lutero sobre a divindade e a humanidade de Cristo (1540)	39/II,93-121
III,300-432	Dos concílios e da igreja (1539)	50,509-653
IV,11-216	Da vontade cativa (1525)	18,600-787
IV,217-375	Da Santa Ceia de Cristo – Confissão (1528)	26,261-509
IV,376-393	Seis séries de teses contra os antinomistas	39/I,345-358
IV,394-428	Primeiro debate contra os antinomistas	39/I,360-417
IV,429-438	Ao digno e doutíssimo senhor Caspar Güttel, doutor e pregador em Eisleben, meu especial bom amigo em Cristo (1537)	50,468-477
V,19-84	O sublime louvor – Salmo 118 (1530)	31/I,65-182
V,85-109	Resumo da vida cristã conforme S. Paulo em 1. Timóteo 1 (1532)	36,352-375
V,116-131	O Pai-Nosso – comentários a Mt 6.5-15 (1530-32)	32,413-427
V,132-148	Uma singela forma de orar, para um bom amigo (1535)	38,358-373
V,160-183	Da Vida matrimonial (1522)	10/II,275-304
V,184-229	O sétimo capítulo de S. Paulo aos Coríntios (1523)	12,92-142
V,230-237	Os pais não devem obrigar os filhos ao casamento, e os filhos não devem noivar sem o consentimento dos pais (1524)	15,163-169
V,238-282	Assuntos matrimoniais (1530)	30/III,205-248
V,283-286	Manual para a bênção matrimonial para os pastores pouco letrados (1529)	30/III,74-80

V,287-290	Os bordéis públicos não devem ser tolerados (1539)	Br 12,295-298 (4274)
V,291-292	Considerações de Lutero sobre o sigilo de seu conselho confessional (1540)	Br 9,192 (3516)
V,292-296	Lutero ao Landgrave Filipe (1540)	Br 9,200-203 (3518)
V,302-325	Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas (1524)	15,27-53
V,326-363	Uma prédica para que se mandem os filhos à escola (1530)	30/II,517-588
V,374-428	Comércio e usura (1524)	15,293-313
V,429-445	Prédicas semanais sobre Mateus 5-7 (Extrato Mt. 6.19-21 e 6.24 (1530/32)	32,436,38-445,21; 32,452,36-458,10
V,446-493	Aos pastores, para que preguem contra a usura (1540)	51,331-424
VI,20-78	O Magnificat (1521)	7,544-604
VI,79-114	Da autoridade secular, até que ponto se lhe deve obediência (1523)	11,245-280
VI,121-126	Discurso do Dr. Martinho Lutero perante o Imperador Carlos e os príncipes na assembléia de Worms (1521)	7,831,16-838,9
VI,127-131	Lutero à Câmara de Danzig (1525)	Br 3,483-486 (861)
VI,132-137	Um conselho do Doutor Martinho Lutero se é permitido resistir com razão ao imperador se ele quer usar de violência contra alguém por causa do Evangelho (1530)	Br 5,258-261 (1536)
VI,138-213	Salmo 101 interpretado por Dr. Martinho Lutero (1534/35)	51,200-264
VI,214-270	Debate circular sobre Mt. 19.21 (1539)	39/II,39-91
VI,284-299	Carta aos príncipes da Saxônia sobre o espírito revoltoso (1524)	15,210-221
VI,300-303	Carta aberta aos burgomestres, conselho e toda a comunidade da cidade de Mühlhausen (1524)	15,238-240
VI,304-329	Exortação à paz: resposta aos doze artigos do campesinato da Suábia (1525)	18,291-334
VI,330-336	Adendo: Contra as hordas salteadoras e assassinas dos camponeses (1525)	18,357-361
VI,337-339	Posicionamento do Dr. Martinho Lutero sobre o livrinho "Contra os Camponeses Assaltantes e Assassinos" (1525)	17/I,265-267
VI,340-359	Carta aberta a respeito do rigoroso livrinho contra os camponeses (1525)	18,384-401
VI,360-401	Acerca da questão, se também militares ocupam uma função bem-aventurada (1526)	19,623-662
VI,410-445	Da guerra contra os turcos (1529)	30/II,107-148
VI,446-466	Exortação à oração contra os turcos (1541)	51,585-625
VI,472-483	Uma sincera exortação de Martinho Lutero a todos os cristãos para se precaverem de convulsão e rebeldia (1522)	8,676-687

VI,484-519	Advertência do Dr. Martinho Lutero a seus estimados alemães (1531)	30/III,276-320
VI,520-522	Exortação do Dr. Martinho Lutero a todos os párocos à oração pela paz (1539)	50,485-487
VII,25-36	Direito e autoridade de uma assembléia ou comunidade cristã de julgar toda doutrina, chamar, nomear e demitir pregadores - Fundamento e razão da Escritura(1523)	11,408-416
VII,37-64	Estatuto para uma caixa comunitária. Orientação sobre como lidar com o patrimônio eclesiástico (1523)	12,11-30
VII,65-70	A ordem do culto na comunidade (1523)	12,35-37
VII,81-113	Como instituir ministros na igreja (1523)	12,169-196
VII,114-124	Carta do Dr. Mart. Lutero sobre os intrusos e pregadores clandestinos (1532)	30/III,518-527
VII,125-150	Exemplo de ordenação de um legítimo bispo cristão (1542)	53,231-260
VII,155-172	Formulário da missa e da comunhão para a igreja de Wittenberg (1523)	12,205-220
VII,173-205	Missa alemã e ordem do culto (1526)	19,72-113
VII,214-221	O manual do batismo traduzidos para o alemão revisado (1526)	19,537-541
VII,222-254	Exortação ao sacramento do corpo e sangue de nosso Senhor (1530)	30/II,595-626
VII,259-312	Instrução dos visitantes aos párocos (1528)	26,195-240
VII,325-446	Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero (1529)	30/I,123-238
VII,447-470	Enquirídio – Catecismo menor para os pastores e pregadores doutos (1529)	30/I,264-339
VII,480-484	Prefácios aos hinários (1524, 1545, 1538)	35,474s; 35,476s; 35,483s
VII,485-489	Um belo hino dos mártires de Cristo, queimados em Bruxelas pelos sofistas de Lovaina [Hino] (1523)	35,411ss
VII,489-492	Alegrai-vos, caros cristãos [Hino] (1523)	35,422ss
VII,493-495	O salmo "Das profundezas" [Hino] (1523)	35,419s
VII,496-498	Ó Deus do céu, volta teu olhar [Hino] (1524)	35,415ss
VII,498-500	Diz a boca dos néscios [Hino] (1524)	35,441ss
VII,500-502	O salmo <i>Deus misereatur nostri</i> (Deus se comisere de nós) [Hino] (1523)	35,418s
VII,502-503	Se Deus não estivesse conosco nesta época [Hino] (1524)	35,440s
VII,503-505	Feliz aquele que teme a Deus [Hino] (1524)	35,437s
VII,505-508	Em meio à vida, estamos envolvidos pela morte [Hino] (1524)	35,453s
VII,509-511	Estes são os santos dez mandamentos [Hino] (1524)	35,426ss

VII,511-513	Jesus Cristo, nosso Salvador, que nos afastou da ira de Deus [Hino] (1524)	35,435ss
VII,513-515	Louvado sejas, Jesus Cristo [Hino] (1524)	35,434s
VII,516-517	Vem, ó Salvador dos gentios [Hino] (1524)	35,430s
VII,517-519	Devemos dar a Cristo belo louvor [Hino] (1523)	35,431ss
VII,519-521	Com paz e alegria eu sigo [Hino] (1524)	35,438s
VII,521-524	Cristo estava preso nas amarras da morte [Hino] (1524)	35,443ss
VII,524-525	Jesus Cristo nosso Salvador, que venceu a morte [Hino] (1524)	35,445
VII,525-527	Vem Deus criador, Espírito Santo [Hino] (1524)	35,446s
VII,527-528	Agora pedimos ao Espírito Santo [Hino] (1526)	35,447s
VII,529-530	Vem, Santo Espírito, Senhor Deus [Hino] (1524)	35,448s
VII,530-532	Nós cremos todos num só Deus [Hino] (1524)	35,451s
VII,532-534	Deus, o Pai, seja louvado [Hino] (1524)	35,450
VII,534-536	Deus seja louvado e bendito [Hino] (1524)	35,452s
VII,536-538	O Salmo 46. <i>Deus noster refugium et virtus</i> (Nosso Deus é refúgio e força) [Hino] (1528)	35,455ss
VII,538-540	O <i>Sanctus</i> alemão [Hino] (1526)	35,455
VII,540-541	<i>Da pacem domine (Concede-nos a paz, Senhor - Alemão)</i> [Hino] (1531)	35,458
VII,541-543	Canção infantil a ser cantada contra os dois archi-inimigos de Cristo e de sua Santa Igreja (o papa, os turcos, etc.) [Hino] (1543)	35,467s
VII,543-548	<i>Te deum laudamus (Senhor, nós te louvamos)</i> [Hino] (1529)	35,458s
VII,549-551	Um hino da santa Igreja Cristã do cap. 12 do Apocalipse [Hino] (1535)	35,462s
VII,551-553	Canção infantil para o Natal de Cristo [Hino] (1535)	35,459ss
VII,554-555	Outro hino de Natal [Hino] (1543)	35,471s
VII,555-556	O hino <i>hostis Herodes</i> (Inimigo Herodes) segundo a melodia <i>A solis ortus, etc.</i> [Hino] (1541)	35,470s
VII,557-559	O Pai-Nosso brevemente interpretado e musicado pelo Doutor Mart. Lutero [Hino] (1538 ou 1539)	35,463ss
VII,559-561	Hino sacro sobre nosso santo Batismo, de modo bem resumido o que ele é, quem o instituiu, qual seu proveito, etc. [Hino] (1541)	35,468ss
VII,562-563	Hino <i>O lux beata</i> (Ó luz beata) [Hino] (1543)	35,473
VII,563-566	<i>Gloria in excelsis Deo</i> (Toda a glória e louvor sejam de Deus) [Hino] (1537)	35,288
VII,566-573	Litania alemã [Hino] (1529)	30/III,29-34

VIII,21-32	Prefácio ao Antigo Testamento (1545)	DB 8,11-31
VIII,32-33	Prefácio ao Livro de Jó (1545)	DB 10/I,5
VIII,33-37	Prefácio ao Livro dos Salmos (1545)	DB 10/I,99-105
VIII,37-39	Prefácio aos Livros de Salomão (1545)	DB 10/II,7-11
VIII,39-46	Prefácio aos Profetas (1545)	DB 11/I,3-15
VIII,46-50	Prefácio ao Profeta Isaías (1545)	DB 11/I,17-25
VIII,50-52	Prefácio ao Profeta Jeremias (1545)	DB 11/I,191-195
VIII,53-54	Prefácio ao Profeta Ezequiel (1545)	DB 11/I,393
VIII,54-60	Novo Prefácio ao profeta Ezequiel (1545)	DB 11/I,395-405
VIII,61-98	Prefácio ao Profeta Daniel (1545)	DB 11/II,3-131
VIII,99-100	Prefácio ao Profeta Oséias (1545)	DB 11/II,183
VIII,100-101	Prefácio ao Profeta Joel (1545)	DB 11/II,213,215
VIII,101-102	Prefácio ao Profeta Amós (1545)	DB 11/II,227,229
VIII,102-103	Prefácio ao Profeta Obadias (1545)	DB 11/II,251,253
VIII,104	Prefácio ao Profeta Jonas (1545)	DB 11/II,259,261
VIII,105	Prefácio ao Profeta Miquéias (1545)	DB 11/II,271
VIII,106	Prefácio ao Profeta Naum (1545)	DB 11/II,289
VIII,107-108	Prefácio ao Profeta Sofonias (1545)	DB 11/II,311
VIII,108-109	Prefácio ao Profeta Ageu (1545)	DB 11/II,321
VIII,109-110	Prefácio ao Profeta Zacarias (1545)	DB 11/II,329,331
VIII,110-112	Prefácio ao Profeta Malaquias (1545)	DB 11/II,363,365
VIII,112-113	Prefácio ao Livro de Judite (1545)	DB 12,5,7
VIII,112-117	Prefácio à Sabedoria de Salomão (1545)	DB 12,49-55
VIII,117-118	Prefácio ao Livro de Tobias (1545)	DB 12,109,111
VIII,118-120	Prefácio ao Livro Jesus Siraque (1545)	DB 12,145-149
VIII,120	Prefácio a Baruque (1545)	DB 12,291
VIII,120-122	Prefácio ao Primeiro Livro dos Macabeus (1545)	DB 12,315,317
VIII,122-123	Prefácio ao Segundo Livro dos Macabeus (1545)	DB 12,417,419
VIII,123	Prefácio às Partes de Ester e Daniel (1545)	DB 12,493
VIII,124-127	Prefácio ao Novo Testamento (1546)	DB 6,3-11
VIII,128-129	Prefácio a Atos dos Apóstolos (1546)	DB 6,415,417
VIII,129-141	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Romanos (1546)	DB 7,3-27
VIII,141-143	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Coríntios (1546)	DB 7,83,85,87
VIII,143-144	Prefácio à Segunda Epístola aos Coríntios (1546)	DB 7,139
VIII,144	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Gálatas (1546)	DB 7,173

VIII,145	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Efésios (1546)	DB 7,191
VIII,145	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Filipenses (1546)	DB 7,211
VIII,146	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Colossenses (1546)	DB 7,225
VIII,146-147	Prefácio à Primeira Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses (1546)	DB 7,239
VIII,147	Prefácio à Segunda Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses (1546)	DB 7,251
VIII,147-148	Prefácio à Primeira Epístola de S. Paulo a Timóteo (1546)	DB 7,259
VIII,148	Prefácio à Segunda Epístola de S. Paulo a Timóteo (1546)	DB 7,273
VIII,149	Prefácio à Epístola de S. Paulo a Tito (1546)	DB 7,285
VIII,149	Prefácio à Epístola de S. Paulo a Filemom (1546)	DB 7,293
VIII,150	Prefácio à Primeira Epístola de S. Pedro (1546)	DB 7,299
VIII,150-151	Prefácio à Segunda Epístola de S. Pedro (1546)	DB 7,315
VIII,151-152	Prefácio às três Epístolas de S. João (1546)	DB 7,327
VIII,152-153	Prefácio à Espístola aos Hebreus (1546)	DB 7,345
VIII,153-155	Prefácio às Epístolas de S. Tiago e Judas (1546)	DB 7,385,387
VIII,155-163	Prefácio ao Apocalipse de S. João (1546)	DB 7,407-421
VIII,167-176	Breve Instrução sobre o que se deve procurar nos Evangelhos e o que esperar deles (1522)	10/I/1,8-18
VIII,179-195	Instrução sobre como os Cristãos devem lidar com Moises (1525)	16,363-393
VIII,205-220	Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos (1530)	30/II,632-646
VIII,223-233	Sumários sobre os Salmos e Razões da Tradução (1531-1532)	38,9-18
VIII,237-330	A Epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos inicia (1515/1516)	56,3-514 [seleção]
VIII,333-492	Trabalhos do Frei Martinho Lutero nos Salmos apresentados aos Estudantes de Teologia em Wittenberg (1519-1521)	5,19-654
VIII,495-548	Os sete Salmos de Penitência (1525)	18,479-530
IX,15-279	Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7 1530/32: O quinto, sexto e sétimo capítulos de S. Mateus pregados e explicados (1532)	32,299-544
IX,283-423	O capítulo 15 [da Primeira Carta] de S. Paulo aos Coríntios	36,478-696
IX,435-598	Apontamentos do Dr. M.[artinho] à Primeira epístola a Timóteo (1528)	26,4-120

III - VOLUMES DA WA

WA	OS	Título
1,224-228	I,13-20	Debate sobre a teologia escolástica (1517)
1,233-238	I,21-30	Debate para o esclarecimento do valor das indulgências (1517)
1,243-246	I,31-34	Sermão sobre a indulgência e a graça
1,353-365	I,35-54	O debate de Heidelberg (1518)
1,525-628	I,55-190	Explicações do debate sobre o valor das indulgências (1518)
1,638-643	I,191-198	Sermão sobre o poder da excomunhão (1518)
2,136-142	I,249-256	Um sermão sobre a contemplação do santo sofrimento de Cristo (1519)
2,145-152	I,241-248	Sermão sobre as duas espécies de justiça (1519)
2,158-161	I,257-266	Debate e defesa do Fr. Martinho Lutero contra as acusações do Dr. João Eck (1519)
2,183-240	I,267-332	Comentário de Lutero sobre a 13ª tese a respeito do poder do Papa (enriquecido pelo autor) (1519)
2,36-40	I,227-232	Apelação do Fr. Martinho Lutero ao Concílio (1518)
2,391-435	I,333-384	Comentários de Lutero sobre suas teses debatidas em Leipzig
2,59-65	I,233-240	Uma breve instrução sobre como devemos confessar-nos (1519)
2,6-26	I,199-226	Relato do Fr. Martinho Lutero, Agostiniano, sobre o encontro com o Sr. Legado apostólico em Augsburg (1518)
2,685-697	I,385-398	Um sermão sobre a preparação para a morte (1519)
2,714-723	I,401-412	Um sermão sobre o sacramento da penitência (1519)
2,727-737	I,413-424	Um sermão sobre o santo, venerabilíssimo sacramento do Batismo (1519)
2,742-758	I,425-444	Um sermão sobre o venerabilíssimo sacramento do santo verdadeiro corpo de Cristo e sobre as irmandades (1519)
5,19-654	VIII,333-492	Trabalhos do Frei Martinho Lutero nos Salmos apresentados aos Estudantes de Teologia em Wittenberg (1519-1521)
6,104-134	II,11-48	Catorze consolações (1520)
6,157-169	II,49-65	Modo de confessar-se (1520)
6,174-195	II,67-95	Condenação doutrinal dos livros de Martinho Lutero, feita por alguns mestres nossos de Lovaina e Colônia. Resposta de Lutero a esta condenação (1520)
6,202-276	II,97-170	Das boas obras (1520)

6,285-324	II,197-238	A respeito do Papado em Roma contra o celeberrimo romanista de Leipzig (1520)
6,353-378	II,253-275	Um sermão a respeito do Novo Testamento, isto é, a respeito da santa missa (1520)
6,404-469	II,277-340	À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão (1520)
6,497-573	II,341-424	Do cativo babilônico da igreja (1520)
6,63-75	II,239-252	Um sermão sobre a excomunhão (1520)
7,161-182	II,461-473	Por que os livros do Papa e de seus discípulos foram queimados pelo doutor Martinho Lutero (1520)
7,204-229	II,171-195	Breve forma dos Dez Mandamentos. Breve forma do Credo. Breve forma do Pai-Nosso (1520)
7,42-49	II,425-433	Carta de Lutero a Leão X, sumo pontífice (1520)
7,49-73	II,435-460	Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã (1520)
7,544-604	VI,20-78	Magnificat, O (1521)
7,705-778	III,11-95	Resposta a Ambrósio Catarino (1524)
7,831,16-838,9	VI,121-126	Discurso do Dr. Martinho Lutero perante o Imperador Carlos e os príncipes na assembléia de Worms (1521)
8,43-128	III,96-191	Refutação do parecer de Látomo (1521)
8,676-687	VI,472-483	Uma sincera exortação de Martinho Lutero a todos os cristãos para se precaverem de convulsão e rebeldia (1522)
10/I/1,8-18	VIII,167-176	Breve Instrução sobre o que se deve procurar nos Evangelhos e o que esperar deles (1522)
10/II,275-304	V,160-183	Da Vida matrimonial (1522)
11,245-280	VI,79-114	Da autoridade secular, até que ponto se lhe deve obediência (1523)
11,408-416	VII,25-36	Direito e autoridade de uma assembléia ou comunidade cristã de julgar toda doutrina, chamar, nomear e demitir pregadores - Fundamento e razão da Escritura(1523)
12,11-30	VII,37-64	Estatuto para uma caixa comunitária. Orientação sobre como lidar com o patrimônio eclesiástico (1523)
12,169-196	VII,81-113	Como instituir ministros na igreja (1523)
12,205-220	VII,155-172	Formulário da missa e da comunhão para a igreja de Wittenberg (1523)
12,35-37	VII,65-70	A ordem do culto na comunidade (1523)
12,92-142	V,184-229	O sétimo capítulo de S. Paulo aos Coríntios (1523)
15,163-169	V,230-237	Os pais não devem obrigar os filhos ao casamento, e os filhos não devem noivar sem o consentimento dos pais (1524)
15,210-221	VI,284-299	Carta aos príncipes da Saxônia sobre o espírito revoltoso (1524)

15,238-240	VI,300-303	Carta aberta aos burgomestres, conselho e toda a comunidade da cidade de Mühlhausen (1524)
15,27-53	V,302-325	Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas (1524)
15,293-313	V,374-428	Comércio e usura (1524)
16,363-393	VIII,179-195	Instrução sobre como os Cristãos devem lidar com Moises (1525)
17/I,265-267	VI,337-339	Posicionamento do Dr. Martinho Lutero sobre o livrinho "Contra os Camponeses Assaltantes e Assassinos" (1525)
18,291-334	VI,304-329	Exortação à paz: resposta aos doze artigos do campesinato da Suábia (1525)
18,357-361	VI,330-336	Adendo: Contra as hordas salteadoras e assassinas dos camponeses (1525)
18,384-401	VI,340-359	Carta aberta a respeito do rigoroso livrinho contra os camponeses (1525)
18,479-530	VIII,495-548	Os sete Salmos de Penitência (1525)
18,600-787	IV,11-216	Da vontade cativa (1525)
19,537-541	VII,214-221	O manual do batismo traduzidos para o alemão revisado (1526)
19,623-662	VI,360-401	Acerca da questão, se também militares ocupam uma função bem-aventurada (1526)
19,72-113	VII,173-205	Missa alemã e ordem do culto (1526)
26,4-120	IX,435-598	Apontamentos do Dr. M.[artinho] à Primeira epístola a Timóteo (1528)
26,195-240	VII,259-312	Instrução dos visitantes aos párocos (1528)
26,261-509	IV,217-375	Da Santa Ceia de Cristo – Confissão (1528)
30/I,123-238	VII,325-446	Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero (1529)
30/I,264-339	VII,447-470	Enquirídio – Catecismo menor para os pastores e pregadores doutos (1529)
30/II,107-148	VI,410-445	Da guerra contra os turcos (1529)
30/II,517-588	V,326-363	Uma prédica para que se mandem os filhos à escola (1530)
30/II,595-626	VII,222-254	Exortação ao sacramento do corpo e sangue de nosso Senhor (1530)
30/II,632-646	VIII,205-220	Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos (1530)
30/III,205-248	V,238-282	Assuntos matrimoniais (1530)
30/III,276-320	VI,484-519	Advertência do Dr. Martinho Lutero a seus estimados alemães (1531)
30/III,29-34	VII,566-573	Litania alemã [Hino] (1529)
30/III,518-527	VII,114-124	Carta do Dr. Mart. Lutero sobre os intrusos e pregadores

		clandestinos (1532)
30/III,74-80	V,283-286	Manual para a bênção matrimonial para os pastores pouco letrados (1529)
31/I,65-182	V,19-84	O sublime louvor – salmo 118 (1530)
32,299-544	IX,15-279	Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7 1530/32: O quinto, sexto e sétimo capítulos de S. Mateus pregados e explicados (1532)
32,413-427	V,116-131	O Pai-Nosso – comentários a Mt 6.5-15 (1530-32)
32,436,38-445,21; 32,452,36-458,10	V,429-445	Prédicas semanais sobre Mateus 5-7 (Extrato Mt. 6.19-21 e 6.24 (1530/32)
35,288	VII,563-566	<i>Gloria in excelsis Deo (Toda a glória e louvor sejam de Deus) [Hino] (1537)</i>
35,411ss	VII,485-489	Um belo hino dos mártires de Cristo, queimados em Bruxelas pelos sofistas de Lovaina [Hino] (1523)
35,415ss	VII,496-498	Ó Deus do céu, volta teu olhar [Hino] (1524)
35,418s	VII,500-502	O salmo <i>Deus misereatur nostri</i> (Deus se comisere de nós) [Hino] (1523)
35,419s	VII,493-495	O salmo "Das profundezas" [Hino] (1523)
35,422ss	VII,489-492	Alegrai-vos, caros cristãos [Hino] (1523)
35,426ss	VII,509-511	Estes são os santos dez mandamentos [Hino] (1524)
35,430s	VII,516-517	Vem, ó Salvador dos gentios [Hino] (1524)
35,431ss	VII,517-519	Devemos dar a Cristo belo louvor [Hino] (1523)
35,434s	VII,513-515	Louvado sejas, Jesus Cristo [Hino] (1524)
35,435ss	VII,511-513	Jesus Cristo, nosso Salvador, que nos afastou da ira de Deus [Hino] (1524)
35,437s	VII,503-505	Feliz aquele que teme a Deus [Hino] (1524)
35,438s	VII,519-521	Com paz e alegria eu sigo [Hino] (1524)
35,440s	VII,502-503	Se Deus não estivesse conosco nesta época [Hino] (1524)
35,441ss	VII,498-500	Diz a boca dos néscios [Hino] (1524)
35,443ss	VII,521-524	Cristo estava preso nas amarras da morte [Hino] (1524)
35,445	VII,524-525	Jesus Cristo nosso Salvador, que venceu a morte [Hino] (1524)
35,446s	VII,525-527	Vem Deus criador, Espírito Santo [Hino] (1524)
35,447s	VII,527-528	Agora pedimos ao Espírito Santo [Hino] (1526)
35,448s	VII,529-530	Vem, Santo Espírito, Senhor Deus [Hino] (1524)
35,450	VII,532-534	Deus, o Pai, seja louvado [Hino] (1524)
35,451s	VII,530-532	Nós cremos todos num só Deus [Hino] (1524)
35,452s	VII,534-536	Deus seja louvado e bendito [Hino] (1524)

35,453s	VII,505-508	Em meio à vida, estamos envolvidos pela morte [Hino] (1524)
35,455	VII,538-540	O <i>Sanctus</i> alemão [Hino] (1526)
35,455ss	VII,536-538	O Salmo 46. <i>Deus noster refugium et virtus</i> (Nosso Deus é refúgio e força) [Hino] (1528)
35,458	VII,540-541	<i>Da pacem domine (Concede-nos a paz, Senhor - Alemão)</i> [Hino] (1531)
35,458s	VII,543-548	<i>Te deum laudamus (Senhor, nós te louvamos)</i> [Hino] (1529)
35,459ss	VII,551-553	Canção infantil para o Natal de Cristo [Hino] (1535)
35,462s	VII,549-551	Um hino da santa Igreja Cristã do cap. 12 do Apocalipse [Hino] (1535)
35,463ss	VII,557-559	O Pai-Nosso brevemente interpretado e musicado pelo Doutor Mart. Lutero [Hino] (1538 ou 1539)
35,467s	VII,541-543	Canção infantil a ser cantada contra os dois archi-inimigos de Cristo e de sua Santa Igreja (o papa, os turcos, etc.) [Hino] (1543)
35,468ss	VII,559-561	Hino sacro sobre nosso santo Batismo, de modo bem resumido o que ele é, quem o instituiu, qual seu proveito, etc. [Hino] (1541)
35,470s	VII,555-556	O hino <i>hostis Herodes</i> (Inimigo Herodes) segundo a melodia <i>A solis ortus, etc.</i> [Hino] (1541)
35,471s	VII,554-555	Outro hino de Natal [Hino] (1543)
35,473	VII,562-563	Hino <i>O lux beata</i> (Ó luz beata) [Hino] (1543)
35,474s; 35,476s; 35,483s	VII,480-484	Prefácios aos hinários (1524, 1545, 1538)
36,352-375	V,85-109	Resumo da vida cristã conforme S. Paulo em 1. Timóteo 1 (1532)
36,478-696	IX,283-423	O capítulo 15 [da Primeira Carta] de S. Paulo aos Coríntios
38,358-373	V,132-148	Uma singela forma de orar, para um bom amigo (1535)
38,9-18	VIII,223-233	Sumários sobre os Salmos e Razões da Tradução (1531-1532)
39/I,175-180	III,192-200	Debate do reverendo senhor Dr. Martinho Lutero acerca do homem (1536)
39/I,345-358	IV,376-393	Seis séries de teses contra os antinomistas
39/I,360-417	IV,394-428	Primeiro debate contra os antinomistas
39/I,82-126	III,201-239	Debate acerca da justificação (1536)
39/II,3-33	III,240-274	O debate sobre a sentença: "O verbo se fez carne" (1539)
39/II,39-91	VI,214-270	Debate circular sobre Mt. 19.21 (1539)
39/II,93-121	III,275-299	Debate do reverendo padre senhor Dr. Martinho Lutero sobre a divindade e a humanidade de Cristo (1540)
50,468-477	IV,429-438	Ao digno e doutíssimo senhor Caspar Güttel, doutor e

		pregador em Eisleben, meu especial bom amigo em Cristo (1537)
50,485-487	VI,520-522	Exortação do Dr. Martinho Lutero a todos os párocos à oração pela paz (1539)
50,509-653	III,300-432	Dos concílios e da igreja (1539)
51,200-264	VI,138-213	Salmo 101 interpretado por Dr. Martinho Lutero (1534/35)
51,331-424	V,446-493	Aos pastores, para que preguem contra a usura (1540)
51,585-625	VI,446-466	Exortação à oração contra os turcos (1541)
53,231-260	VII,125-150	Exemplo de ordenação de um legítimo bispo cristão (1542)
56,3-514 [seleção]	VIII,237-330	A Epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos inicia (1515/1516)
Br 12,295-298 (4274)	V,287-290	Os bordéis públicos não devem ser tolerados (1539)
Br 3,483-486 (861)	VI,127-131	Lutero à Câmara de Danzig (1525)
Br 5,258-261 (1536)	VI,132-137	Um conselho do Doutor Martinho Lutero se é permitido resistir com razão ao imperador se ele quer usar de violência contra alguém por causa do Evangelho (1530)
Br 9,192 (3516)	V,291-292	Considerações de Lutero sobre o sigilo de seu conselho confessional (1540)
Br 9,200-203 (3518)	V,292-296	Lutero ao Landgrave Filipe (1540)
DB 6,3-11	VIII,124-127	Prefácio ao Novo Testamento (1546)
DB 6,415,417	VIII,128-129	Prefácio a Atos dos Apóstolos (1546)
DB 7,139	VIII,143-144	Prefácio à Segunda Epístola aos Coríntios (1546)
DB 7,173	VIII,144	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Gálatas (1546)
DB 7,191	VIII,145	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Efésios (1546)
DB 7,211	VIII,145	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Filipenses (1546)
DB 7,225	VIII,146	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Colossenses (1546)
DB 7,239	VIII,146-147	Prefácio à Primeira Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses (1546)
DB 7,251	VIII,147	Prefácio à Segunda Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses (1546)
DB 7,259	VIII,147-148	Prefácio à Primeira Epístola de S. Paulo a Timóteo (1546)
DB 7,273	VIII,148	Prefácio à Segunda Epístola de S. Paulo a Timóteo (1546)
DB 7,285	VIII,149	Prefácio à Epístola de S. Paulo a Tito (1546)
DB 7,293	VIII,149	Prefácio à Epístola de S. Paulo a Filemom (1546)
DB 7,299	VIII,150	Prefácio à Primeira Epístola de S. Pedro (1546)
DB 7,315	VIII,150-151	Prefácio à Segunda Epístola de S. Pedro (1546)
DB 7,327	VIII,151-152	Prefácio às três Epístolas de S. João (1546)

DB 7,3-27	VIII,129-141	Prefácio à Espístola de S. Paulo aos Romanos (1546)
DB 7,345	VIII,152-153	Prefácio à Espístola aos Hebreus (1546)
DB 7,385,387	VIII,153-155	Prefácio às Epístolas de S. Tiago e Judas (1546)
DB 7,407-421	VIII,155-163	Prefácio ao Apocalipse de S. João (1546)
DB 7,83,85,87	VIII,141-143	Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Coríntios (1546)
DB 8,11-31	VIII,21-32	Prefácio ao Antigo Testamento (1545)
DB 10/I,5	VIII,32-33	Prefácio ao Livro de Jó (1545)
DB 10/I,99-105	VIII,33-37	Prefácio ao Livro dos Salmos (1545)
DB 10/II,7-11	VIII,37-39	Prefácio aos Livros de Salomão (1545)
DB 11/I,17-25	VIII,46-50	Prefácio ao Profeta Isaías (1545)
DB 11/I,191-195	VIII,50-52	Prefácio ao Profeta Jeremias (1545)
DB 11/I,3-15	VIII,39-46	Prefácio aos Profetas (1545)
DB 11/I,393	VIII,53-54	Prefácio ao Profeta Ezequiel (1545)
DB 11/I,395-405	VIII,54-60	Novo Prefácio ao profeta Ezequiel (1545)
DB 11/II,183	VIII,99-100	Prefácio ao Profeta Oséias (1545)
DB 11/II,213,215	VIII,100-101	Prefácio ao Profeta Joel (1545)
DB 11/II,227,229	VIII,101-102	Prefácio ao Profeta Amós (1545)
DB 11/II,251,253	VIII,102-103	Prefácio ao Profeta Obadias (1545)
DB 11/II,259,261	VIII,104	Prefácio ao Profeta Jonas (1545)
DB 11/II,271	VIII,105	Prefácio ao Profeta Miquéias (1545)
DB 11/II,289	VIII,106	Prefácio ao Profeta Naum (1545)
DB 11/II,311	VIII,107-108	Prefácio ao Profeta Sofonias (1545)
DB 11/II,3-131	VIII,61-98	Prefácio ao Profeta Daniel (1545)
DB 11/II,321	VIII,108-109	Prefácio ao Profeta Ageu (1545)
DB 11/II,329,331	VIII,109-110	Prefácio ao Profeta Zacarias (1545)
DB 11/II,363,365	VIII,110-112	Prefácio ao Profeta Malaquias (1545)
DB 12,109,111	VIII,117-118	Prefácio ao Livro de Tobias (1545)
DB 12,145-149	VIII,118-120	Prefácio ao Livro Jesus Siraque (1545)
DB 12,291	VIII,120	Prefácio a Baruque (1545)
DB 12,315,317	VIII,120-122	Prefácio ao Primeiro Livro dos Macabeus (1545)
DB 12,417,419	VIII,122-123	Prefácio ao Segundo Livro dos Macabeus (1545)
DB 12,493	VIII,123	Prefácio às Partes de Ester e Daniel (1545)
DB 12,49-55	VIII,112-117	Prefácio à Sabedoria de Salomão (1545)
DB 12,5,7	VIII,112-113	Prefácio ao Livro de Judite (1545)

S237i Santos, Eliezer Lírio dos
O impacto da Reforma Protestante na disseminação do livro
Impresso / Eliezer Lírio dos Santos – 2012.
94 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa

Bibliografia: f. 62-66

1. Reforma Protestante 2. História do livro 3. Tipografia 4.
Educação I. Título

LC Z521.3
CDD 002.0981